# O SEMEADOR DE ALEGRIAS

**Marcos Santos**
**Neuza Guareschi**
**(Orgs.)**

# O SEMEADOR DE ALEGRIAS

**Marcos Santos**
**Neuza Guareschi**
**(Orgs.)**

© Copyright dos organizadores, 2010.

*Organizadores:*
Marcos Santos
Neuza Guareschi

*Colaboradores:*
Denise Amon
Marlos Mello
Odete Machado

*Editoração e impressão:*
Editora Evangraf Ltda
(51) 3336.2466
evangraf.adm@terra.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471 O semeador de alegrias / organizadores Marcos Santos ... [et al.]. – Porto Alegre : Evangraf, 2010.
XX p. : il.

Inclui anexos.
ISBN 978-85-7727-241-9

1. Guareschi, Pedrinho A. (Pedrinho Arcides), 1940- Vida e obra. 2. Guareschi, Pedrinho A. (Pedrinho Arcides), 1940- Homenagens. I. Santos, Marcos.

CDU 929
CDD 920

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

# Sumário


Apresentação ..... 5
Uma história para contar uma vida ..... 7
Adriane Roso ..... 13
Aline Hernandez ..... 15
Andréa Luzzatto ..... 16
Ângela Maria de Freitas ..... 17
Augustino Pedro Veit ..... 18
Ayrton Centeno ..... 19
Carol Zamboni ..... 20
Clara e Renato Bortoluzzi ..... 22
Cláudia Cardoso ..... 23
Cristina Prisco ..... 24
Denise Amon ..... 25
Denise Bussoletti ..... 27
Eva Teresinha de Oliveira ..... 29
Frei Betto ..... 30
Graziela Werba ..... 31
Helena Scarparo ..... 36
Hélio, Jerusa, Vinicius e Daniel Possamai ..... 37
Karina Preisig Paggi ..... 42
Laura Helena Pelizzoli ..... 45
Letícia Horn Oliveira ..... 45
Lino Mayer ..... 46
Lúcia Barcelos ..... 47
Luís Carlos Borges dos Santos ..... 49
Maiko Deffaveri ..... 51

Marcelo Parker ..... 53
Márcia Pedroso ..... 53
Maria, Hilda e Cristiane ..... 54
Mariane Hartmann ..... 55
Marília Veronese ..... 56
Martin W. Bauer ..... 58
Mundo Jovem ..... 60
Neuza Guareschi ..... 61
Odete Machado ..... 62
Olívio Dutra ..... 63
Osvaldo Biz ..... 64
Paulo de Lima ..... 65
Ricardo Albino Rambo ..... 68
Samantha Torres ..... 70
Sandra Jovchelovitch ..... 73
Tarso Genro ..... 75
Thaiani Farias Vinadé ..... 76
Véra Lucia Maciel Barroso ..... 77
Marcos Santos ..... 79
Anexo I – Fotos ..... 81
Anexo II – Livros Publicados ..... 93
Anexo III – Tradução de Livros ..... 97

# Apresentação

Nas páginas deste livro, você encontrará o rosto da Gratuidade. Há sempre uma pessoa, um grupo e até mesmo uma comunidade inteira sendo impulsionadas pela GRATUIDADE num mundo caracterizado pelo individualismo e pela "lógica do lucro" que, muitas vezes, acaba impedindo de nos percebermos como uma única família.

Os depoimentos contidos neste livro transpassam gratidão, compreensão, tensão, solidariedade, amizade, amor. Tudo isso é um pouco de todos nós e muito de Pedrinho, que nas suas palavras sábias soube conduzir, mas, principalmente, orientar no caminho da ética, porém com o cuidado e amorosidade de um irmão mais velho.

Este livro só foi possível devido ao espírito de gratidão de diferentes pessoas que percebem na pessoa de Pedrinho Guareschi um *lócus* de Gratuidade.

Queremos, em nome do Pedrinho, agradecer a todos e todas que de imediato atenderam ao nosso pedido e nos enviaram seus depoimentos. Também desejamos pedir desculpas aos que não se encontram aqui, devido nossas imensas limitações, mas é até bom que nem todos estejam, pois, certamente, poderemos organizar outros livros nos 80 anos, 90, 100 de nosso querido amigo Pedrinho Guareschi.

**Marlos Mello**

# Uma história para contar uma vida[1]

Resido em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, desde praticamente 1965. O município que me viu nascer, numa manhã fria, a 29 de junho de 1940, se chama Colorado, no planalto médio do norte gaúcho.

Nasci a três metros de uma árvore que ainda existe, ela renasce de seu próprio tronco e é chamada, popularmente, de "Maria Mole", pois seu tronco é pouco consistente. Meu pai tinha uma pequena propriedade, duas colônias de terra, e depois de ter morado na casa paterna, a uns 4 km desse local, adquiriu essa terra e eu fui o segundo filho a nascer aqui. Dos onze irmãos (sete homens e quatro mulheres), três nasceram na casa paterna, os outros sete aqui e a última irmã no hospital em Colorado. A casa onde nasci ficava a 3 km de Linha Garibaldi, uma pequena vila a 6 km da sede do município de Colorado, que naquele tempo se chamava Boa Esperança. Passou a se chamar Colorado em 1950 e se emancipou em 1964.

Quando se emancipou possuía ao redor de seis mil habitantes e atualmente possui menos de quatro mil. Como era constituído de pequenas propriedades, com a chegada da mecanização as propriedades foram se concentrando e muitas famílias foram migrando para outros estados, principalmente Paraná, Mato Grosso, Rondônia, Goiás, Distrito Federal, Maranhão e Pará. A maioria são produtores rurais, principalmente de soja. Minha própria família começou a migrar ao final da década de 1950 para Barracão, Paraná, para onde, em 1970, inclusive meus pais se mudaram, para estar junto aos sete irmãos que já lá estavam.

Antes de terminar os 4 anos de primário, com nove anos e meio deixei a família para iniciar minha peregrinação: até 1952 estudei, como interno, em Pinheiro Marcado, a uns 50 km de Colorado.

[1] Texto produzido para o site <www.pedrinhoguareschi.com.br>, adaptado pelos organizadores e publicado aqui sem autorização do autor.

Em janeiro de 1953 fui a Aparecida do Norte, São Paulo, onde cursei o ginásio e colégio – correspondentes ao Ensino Fundamental e Ensino Médio – até 1958.

Em 1958 residi em Pindamonhangaba, SP, onde fiz o Noviciado, ao final do qual professei na Congregação Redentorista, da qual sou membro professo até hoje. Os redentoristas são um grupo religioso chamado Congregação do Santíssimo Redentor, fundado em 1732 em Nápoles, Itália, por Santo Afonso Maria de Liguori, um nobre italiano que, após se decepcionar com a profissão de advogado (com 16 anos já possuía um duplo doutorado em direito civil e eclesiástico) decidiu juntar um grupo de religiosos e fundar uma Congregação para ajudar os mais necessitados, principalmente economicamente. Os redentoristas estão, hoje, espalhados pelos cinco continentes, em quase todos os países do mundo. No Brasil, atuam em todos os Estados e se dedicam a uma pastoral extraordinária, como santuários, meios de comunicação, missões populares, etc.

De 1959 a 1964 realizei os estudos de Filosofia e Teologia, concluindo os dois cursos em seis anos.

Em meados de 1964, fui ordenado sacerdote, rezando minha primeira missa em Colorado, voltando após ter estado em São Paulo por 12 anos. Logo em 1965 iniciei a Faculdade de Letras, na PUCRS e ao mesmo tempo fiz uma pós-graduação em Sociologia, que me conferiu o título de sociólogo. De 1966 a 1968 residi em Passo Fundo, onde concluí o curso de Letras na UPF e comecei a lecionar, principalmente sociologia.

Em 1969 retornei a Porto Alegre, que ficou sendo minha referência residencial até hoje. Na região de Porto Alegre residi em ao menos sete locais diferentes: Viamão, por três anos; no centro da cidade, bairro do Bom Fim; no Jardim Carvalho, especificamente na Vila Cefer, Vila Pinto, São Carlos e próximo à PUCRS. A experiência mais provocante de minha vida foi ter morado na Vila Pinto, uma vila irregular, com ao redor de 10 mil pessoas. Vivíamos – um seminarista, um outro sacerdote e eu – inicialmente, nos fundos de uma residência de amigos e depois numa casinha de madeira semelhante às demais. Quando passamos a residir lá, quase não entravam conduções na vila, o

esgoto era a céu aberto e havia valas que impediam até mesmo a passagem de pedestres, muitas vezes. Conseguimos organizar uma associação de moradores que se responsabilizou, junto com a Prefeitura – governo de Olívio Dutra, 1988 – pelo planejamento e urbanização da Vila. Foi um ano de reuniões com os moradores das inúmeras vielas, para decidir por onde passariam as ruas, quais casas seriam removidas – foram ao redor de 300 –, e resolver os inúmeros problemas que iam surgindo. Eram várias reuniões semanais, principalmente à noite, quando os moradores voltavam do trabalho. Aos poucos foi sendo feito o esgoto cloacal, depois o pluvial, finalmente o asfaltamento das ruas. Já tinham sido feitas diversas tentativas de urbanização da vila, que nunca deram certo, pois não incluía, como requisito indispensável, a participação dos moradores no planejamento e em parte da execução. As tentativas anteriores eram geralmente planejadas por "técnicos", que partiam "de cima", removendo barracos e isso imediatamente provocava a resistência dos moradores e o plano falia. A experiência de três anos de trabalho participativo mostra que essa urbanização foi, como muitos disseram, "uma experiência que deu certo". Atuava, como sempre atuei até hoje, na pastoral da periferia, como sacerdote, mas sempre em sintonia e articulado com os movimentos sociais. Em diversas vilas há "igrejinhas" e centros comunitários, construídos em mutirão, como na Vila Esmeralda – antiga Tamanca –, Vila dos Herdeiros, ou Beco dos Cafunchos, Vila Joana d'Arc, e na própria Vila Pinto, com exceção de diversos períodos em que tive de me ausentar para diferentes atividades: nos anos de 1972 e 1973 residi em Milwaukee, Estado de Wisconsin, Estados Unidos, onde concluí o curso de Mestrado em Psicologia Social na Marquette University. Vivi lá com um frei capuchinho, um verdadeiro São Francisco, e juntos montamos uma refeição, ao final da tarde, para os miseráveis da cidade – prostitutas, bêbados, viúvas, etc que chegava a dar comida até a 300 pessoas no fim do mês, quando o pay-check já tinha terminado. Nesse tempo, morei por três meses em Genebra, Suíça, onde mantive contato com Paulo Freire, sobre quem escrevi minha dissertação de mestrado.

Retornei a Porto Alegre e comecei a trabalhar no mestrado em Psicologia da PUCRS, até junho de 1977, quando retornei a Madison, capital do Estado de Wisconsin, onde concluí o doutorado em Psicologia Social e Comunicação na University of Wisconsin.

Segundo me disseram ao defender a tese, em janeiro de 1980, teria sido o doutorado mais curto do Departamento (que remonta ao século XIX): junho de 1977 a janeiro de 1980. De agosto de 1984 até maio de 1987 residi em Brasília, onde trabalhei como assessor nacional da CNBB para assuntos da área social: questões da terra, moradia, migrações, prisões, mulheres marginalizadas, etc. Participei inclusive da fundação do Movimento dos Sem Terra, no Paraná.

De meados de 1990 a meados de 1991, fiz meu primeiro pós-doutorado no "Center for Social Structure and Social Change", da University of Wisconsin, Madison, Estados Unidos.

De 1992 a 1998, ausentava-me de Porto Alegre a cada dois anos, por espaço de três a quatro meses, para lecionar na Accademia Alfonsiana, ligada à Universidade Lateranense, em Roma. Apresentava lá um curso, Ética na Mídia, e um seminário, Teologia e Economia.

Continuo ligado a uma associação de pesquisadores e estudiosos de Ética e Moral.

A década de 1990 foi marcada por muitas atividades de assessoria em âmbito latino-americano, como no trabalho com a Pastoral da Juventude na Bolívia, na Nicarágua, palestras no Canadá, como também como membro da Comissão Justiça e Paz, dos Redentoristas, onde pude entrar em contato com diversos movimentos sociais e colaborar no apoio e implemento de ações libertadoras nos cinco continentes.

De 2001 a 2002, fiz meu segundo pós-doutorado na University of Cambridge, em Cambridge, Inglaterra, aprofundando questões de Psicologia Social e Comunicação. Trabalhei lá com John B. Thompson, de quem tinha traduzido dois livros para o português.

Gosto de dizer e comentar que aprecio, entre outras, duas atividades culturais que curto com prazer, e que se complementam. A primeira consiste em pesquisar minhas origens de imigrante italiano, tanto na Itália, onde descobri parentes da

família, como no Brasil, onde já conseguimos organizar vários encontros dos inúmeros "ramos" da "Famiglia Guareschi – Guerreschi". E a segunda, curtir a tradição gaúcha, principalmente promovendo a genuína tradição rio-grandense, inclusive rezando "missas crioulas".

Entre as atividades acadêmicas, privilegio sempre as que mais se relacionam com questões de justiça e cidadania. Minhas pesquisas iniciaram já em 1980, quando, passei dois meses na divisa com a Colômbia e Venezuela, no Alto Solimões, pesquisando a "Irmandade da Santa Cruz".

Passei a pesquisar depois a relação entre mídia e religião e mídia e política. Sou, atualmente, conselheiro do Instituto Alana.

Colaborei, por vários anos, com a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia, em Brasília. Foram experiências interessantes.

Prestei meus serviços também, por sete anos, como membro efetivo do Grupo "Ética na TV", implementando a Campanha "Quem Financia a Baixaria é contra a Cidadania", do Comitê de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e, nos últimos anos, fiz parte do Grupo de Trabalho do Ministério da Justiça, para a discussão e implementação da regulamentação para a Classificação Indicativa dos filmes e programas de televisão.

Desde setembro de 1969, até março de 2009, durante 40 anos, estive ligado, com contrato de trabalho CLT, à PUCRS. Percorri ali todos os escalões possíveis e fui professor titular e orientador de dissertações e teses no Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Pedi para sair e fui de imediato convidado para ser professor colaborador permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, onde vocês, de repente, podem me encontrar. Continuo mantendo minha linha de pesquisa como pesquisador do CNPq (1A), com encontros semanais com o Grupo de Leitura e Reflexão e mantenho meus contatos internacionais, com Reino Unido, França, Itália, Austrália e com outros pesquisadores no Brasil. Resido à Av. Bento Gonçalves, 4714 – fundos, no Bairro São José, numa comunidade com sacerdotes e estudantes de Teologia. Viajo um

bocado para várias atividades, de todo gênero – acadêmicas, religiosas, educação popular, assessoria a movimentos populares, etc. – sempre que possível.

**Pedrinho Guareschi**
Porto Alegre, março de 2010.

# Sublime Amor de uma pupila à um Mestre

Uma brisa fria soprava quando comecei a escrever esse texto para o meu Mestre. Os pensamentos fluíam, mas nunca pensei que fosse tão difícil materializar meus sentimentos em forma de texto. Por quê? Por que se escrever sempre foi um hábito meu? Tantas palavras já escrevemos juntos e agora fico sem saber o que dizer a ele!

Mas não tem problema, pois vou "*comendo o mingau pelas beiradas*", até conseguir destrinchar meus sentimentos... Começarei contando como nos conhecemos, pois "*temos que ir na raiz*" dos fatos.

Lembranças remotas vieram à minha mente... Conheci o Mestre através da palavra, em primeiro lugar, e não através de sua presença de fato. Lembro-me bem quando encontrei seus livros numa biblioteca... Fascínio, consolo... Encontrava ali palavras que faziam sentido, palavras que expressavam o que eu queria dizer e não conseguia...

E aqui cabe um parêntesis. O que mais me impressionou no Mestre, desde o início, foi sua capacidade de escrever sobre questões sociais e humanas tão profundas, sem deixar que o linguajar acadêmico rebuscado tomasse conta de suas palavras. Ele faz o verdadeiro *Desipere in Loco* – esquece a sabedoria a propósito, para que possa estabelecer o ato dialógico.

Prosseguindo no relato de minha jornada. Fui à PUCRS conhecer o Professor Pedrinho, que, para mim, ainda não era o Mestre. Ele já era chamado de Mestre por alguns colegas, mas para mim "Mestre" significava apenas alguém com notório saber. Nervosismo, ansiedade, curiosidade, tudo misturado. Entro em sua sala e me surpreendo: como pode alguém tão letrado, tão famoso, ser tão simples? Logo me senti cativada.

Nos comunicamos e acho que ele até gostou de mim, pois dali em diante nunca mais nos separamos. Já não consigo imaginar minha vida sem a presença dele.

Mas nossa jornada não foi feita só de flores... Certa vez, me sentindo desamparada, perguntei ao Mestre por que ele não

me ajudava, já que ele ajudava tantas pessoas, tantos colegas meus, e ele respondeu que ele não precisava me carregar no colo porque eu era já capaz de andar sozinha. Confesso que me senti injustiçada, fiquei magoada, sem entender, pois, afinal, eu precisava tanto! Chorei muito, mas, passada a angústia, fui entendendo que sua atitude para comigo era como a de um pai, um pai que sabe que para a filha crescer precisa deixá-la encontrar suas próprias saídas.

Em outras ocasiões, a disciplinarização paterna cedeu lugar ao amor-de-mãe. Recebi muito colo, muito carinho.

Entre desconsolos e "colinhos", fui resignificando a palavra Mestre (*Magister*, Do Latim) [o uso do Latim é mais uma herança do Mestre]. Mestre é aquele que tem muito mais que um notório saber; é aquela pessoa que consegue compartilhar seu saber com amor. Um amor que conjuga amor-de-mãe e amor-de-pai, que vai gestando e criando o pupilo, até que ele nasce, cresce e se torna capaz de difundir o mesmo amor recebido. Afinal, um Mestre não cria o "filho" para si, cria para o mundo. Um Mestre só vai saber se cumpriu sua missão se olhar para o que seus filhos produzem (quiçá tornando-se um *Magister* ou uma *Magistra*) e observando como suas produções reverberam pelo mundo a fora.

No esforço de escrever esse texto, cheguei à conclusão de que o que sinto pelo meu Mestre está além das palavras. Escrever sobre o amor pode ser simples, mas escrever sobre um amor sublime – como é o meu pelo Mestre – é quase tão difícil quanto escrever uma tese.

Mas o que significa amor sublime? Não tenho uma resposta certa para essa pergunta, só sei que é o que há de mais elevado nos meus sentimentos e é o que eu sinto pelo Pedrinho. De todos os modos, "v*amos continuar pensando"*, como ele mesmo diria. "*Vamos continuar nos perguntando"*, pois, afinal, a pergunta liberta!

Obrigada por tudo, com amor,

**Adriane Roso**

Para mim o Pedrinho tem este cheiro gostoso da erva mate, bebida que diz muito de sua práxis:

- Bebida amarga, tal a crítica que provoca a tensão e é necessária para que mudanças aconteçam e a gente se desacomode.

- Bebida de sabor intenso, assim como deveria ser o saber: "com sabor". Pedrinho tem esta intensidade, ele argumenta olhando no olho, mexe com a gente e desperta a reflexão.

- Bebida que circula na roda, este lugar de encontro em igualdade onde as ideias não são maiores nem menores, mas em diálogo, às vezes em confronto, às vezes em acordo, mas sempre ideias pensantes. Pedrinho faz desta roda uma prática educativa que leva à apropriação de espaços de poder mais plurais e participativos.

- Bebida quente, aconchegante tal o "ombro amigo" que ele nos oferece sempre que necessário, atitude que afirma sua convicção numa Psicologia mais humanizada, que rompe com os pressupostos nefastos da neutralidade e objetividade que nos afastam da compreensão do humano em relação.

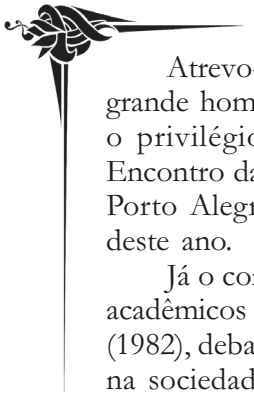
- Bebida de folhas escolhidas pelas mãos do colono que cultiva a terra num gesto simples, mas árduo, esta lide campesina de todos os dias a nos ensinar que a luta por uma vida mais digna é um dever de todos nós, é uma luta cotidiana, questão de resistência e existência.

Pedrinho, tu és realmente uma pessoa bonita. Destas pessoas que agradecemos a Deus a sorte de encontrar num mundo tão grande, tão cheio de gente e tão agitado. É fácil te levar dentro, bem aqui no coração. Ao teu lado tenho mais fé na vida, nas pessoas, na utopia que me faz caminhar em busca de alguns horizontes. É uma alegria ter te conhecido, poder te abraçar de vez em quando, te escutar, aprender a aprender ao teu lado.

Obrigada pela "arte" do encontro!

Abraços em luta!

**Aline Hernandez**



Atrevo-me a traçar algumas linhas sobre este grande homem, que é Pedrinho Guareschi. Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente no Encontro das Escolas Católicas da zona norte de Porto Alegre, mais precisamente, em fevereiro deste ano.

Já o conhecia por sua obra, desde os tempos acadêmicos onde, ao cursar Filosofia na PUCRS (1982), debatíamos sobre a sua presença marcante na sociedade como alguém preocupado com o bem-estar, a justiça e a minimização da desigualdade social. Mais tarde, ao cursar Pedagogia na FAPA (1996), na disciplina de Sociologia da Educação, tive o prazer de tomar conhecimento de seu trabalho ao lado de Paulo Freire.

Falar no mestre Pedrinho é um prazer e uma grande honra, mas poder destacar o belíssimo ser humano que em sua humildade e simplicidade encanta a todos é um privilégio.

Pedrinho, obrigada pela pessoa maravilhosa que és e desejo que eu possa compartilhar do seu saber e carisma por muitos e muitos anos.

Felicidades!

**Andréa Luzzatto**

Em julho de 1993, como atividade de encerramento do estágio de Psicologia Organizacional que realizávamos junto ao DETRAN, o qual funcionava dentro do Palácio da Polícia Civil, convidamos o Prof. Dr. Pedrinho Guareschi para ser nosso palestrante.

O DETRAN, destinado ao desenvolvimento de atividades relacionadas às habilitações de motoristas, também fazia acompanhamento de setores, preocupados com o bem-estar dos funcionários, através de supervisões e palestras. O estágio de Psicologia Organizacional oportunizou essa experiência.

Para a palestra destinada à saúde do trabalhador, o professor Pedrinho Guareschi, integrante do corpo docente da PUCRS, foi convidado para falar aos convidados presentes. Chegando na entrada do Palácio da Polícia, ele faz breve silêncio e diz: "A última vez que passei por esta porta foi para prestar depoimento policial sobre as minhas ideias e princípios. Hoje sou chamado por esta mesma instituição para que escutem minhas palavras e ideias."

Em silêncio, e com muita emoção, todos se dirigiram ao salão principal para assistir a palestra e os depoimentos do professor.

Prof. Pedrinho Guareschi, parabéns pelos 70 anos! Desejamos muita saúde e também muito êxito em suas realizações!

**Ângela Maria de Freitas**

Conheci Pedrinho Guareschi em reuniões do Conselho Federal de Psicologia e, depois, tive a oportunidade de conviver e conhecê-lo melhor, quando atuamos juntos na campanha "Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania".

Além de ser uma pessoa amável, amiga, profundamente solidária e humana, possui também uma coragem ímpar. Enfrentar os poderosos, particularmente, os da comunicação, é missão para aqueles que, como Pedrinho, orientam-se por princípios e fundamentos irrefutáveis e conduta ilibada.

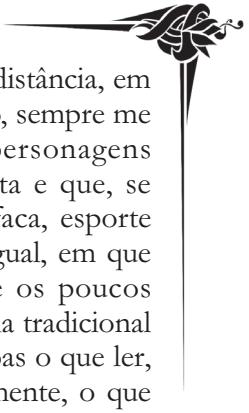
Fui rever minhas anotações, em agenda antiga sobre palestra proferida pelo Pedrinho, e achei a seguinte frase, dita por ele em 2004, numa reunião em Brasília:

"A liberdade de expressão não significa qualquer possibilidade de incitação à discriminação, à violência, a violações de direitos humanos ou qualquer possibilidade que fira a dignidade da pessoa humana".

Pedrinho, meu amigão, tenho você como uma das minhas referências que orientam meu projeto de vida.

Abraços

**Augustino Pedro Veit**



O Pedrinho, que eu conheço à distância, em uma relação jornalista X entrevistado, sempre me passou a ideia de um daqueles personagens necessários. O sujeito que vai à luta e que, se preciso for, dá soco em ponta de faca, esporte imprescindível em um país tão desigual, em que meia dúzia de poderosos – leia-se os poucos grupos que concentram 90% da mídia tradicional no Brasil – pretendem dizer às pessoas o que ler, o que ver, o que ouvir e, principalmente, o que pensar.

Empunhar a bandeira da democratização da comunicação, como faz o Pedrinho, é lutar a luta sem a qual o Brasil nunca será, de fato, um país democrático. Acho que o melhor brinde que eu poderia fazer neste dia seria dizer: Que o exemplo do aniversariante seja contágio e que muitos abracem a mesma luta.

Um abraço

**Ayrton**

# Pedrinho Guareschi: Há 70 anos ensinando a "desbundar" por aí!

Vou começar "comendo o mingal pelas beiradas", mas quero mesmo pegar o "boi pelo chifre", pois vou contar como o Pedrinho ensina as pessoas a "desbundar" por aí! Apesar de ser muito criterioso com o uso da língua portuguesa na formalidade da escrita, ele é educador do "desbunde" nas práticas cotidianas. Para comemorar seu aniversário, eu não poderia deixar de lembrar dos "desbundes" que presenciei. Certamente dos 70 anos que ele anda "desbundado" por aí, conseguirei fazer referência, apenas, a poucos deles. Mas é importante lembrar que uma das principais características do ato de "desbundar" é o contágio que ele provoca: "desbundar é palavração"! Por isso, conto como Pedrinho me ensinou a "desbundar" com seus "desbundes".

Na época do colégio, eu li Sociologia Crítica e muitos artigos do Mundo Jovem escritos por ele. Ao entrar na faculdade de Psicologia, descobri que a criatura trabalhava lá, ou melhor, praticamente morava lá (chegava antes que todo mundo e aparecia nos fins de semana). Ele era professor de uma matéria na graduação, participei dela. Instaurou um confessionário no meio da aula de Psicologia Social e "desbundou" solicitando que cada um avaliasse o seu processo de aprendizado a partir das produções sobre os temas da matéria; até hoje este recurso pedagógico me inspira a pensar processos de avaliação e problematiza minhas práticas de educadora. Contribui para que eu instigue outros mais a "desbundar" por aí. Mas não foi nas aulas que consegui trocar ideia mais significativa.

Porém, para viver intensamente o "desbunde", é preciso "colocar o pé no barro" e foi nas manifestações, em meio às bandeiras vermelhas da luta do povo, onde eu o encontrava, que comecei a entender melhor esta prática. Durante a faculdade, nas árduas lutas do movimento estudantil, Pedrinho "desbundava" companheirismo com palavras de incentivo, interesse por nossa reivindicação e proteção, quando as coisas esquentavam com a direção ou a reitoria. Tornei-me uma de suas "santinhas", já era iniciada no ato de "desbundar". Resolvi

me pós-graduar, iniciei o mestrado no seu grupo de pesquisa. Pedrinho me (des) orientou na arte do "desbunde"! Exercitei-o lendo Habermas em espanhol, tendo a hora da defesa mudada por ele no dia, traduzindo sua letra ímpar nos textos preliminares da dissertação e cumprindo os horários sagrados dos encontros do grupo na terça-feira à tarde.

Hoje, comemorando seus 70 anos de "desbunde", percebo que quem "desbunda" nunca o faz sozinho: quem "desbunda" contagia à construção de um mundo mais digno e justo para todos, a aproximação do Reino. Quem "desbunda" contagia para aprender com o outro, sabe que "não tem um que sabe mais e um que sabe menos", que não há neutralidade, que não há como não agir!

Acredito que a melhor forma de comemorar estes 70 anos é cometer uns "desbundes" por aí! Tenho certeza de que a vida do Pedrinho se renova a cada "desbunde" dos seus santinhos e santinhas. Os "desbundes" tornam o outro mundo possível! Os 70 anos de "desbunde" do Pedrinho contagiou muitos por aí. Que bom poder agradecer e parabenizar o Pedrinho por sua vida "desbundante"!

**Santinha Carol Zamboni**

# Pe. Pedrinho

O que dizer ao Pe. Pedrinho?

Primeiro, que gostamos muito dele e o admiramos como pessoa, como sacerdote e como profissional da comunicação.

Como pessoa, por sua alegria e capacidade de se comunicar com todos, tendo sempre uma palavra de ânimo, de incentivo, nos momentos tensos e difíceis; ele é capaz de fazer com que as pessoas não desistam e façam o seu trabalho ainda melhor.

Como sacerdote, admiramos suas homilias, pois, com seu jeito "manso" e calmo ele vai direto ao assunto e com muita objetividade transmite sua mensagem de maneira que todos os presentes entendam e saiam da missa alegres e com vontade de voltar.

Como comunicador, acreditamos em sua grandiosa sabedoria e capacidade, e para isto basta acompanhar sua trajetória pelo Brasil e pelo mundo, sempre levando a outros seus conhecimentos.

Pe. Pedrinho! Que Deus e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro continuem lhe iluminando e abençoando para que fique muito tempo mais junto a nós, transmitindo a todos muita felicidade e alegria e sendo muito feliz. Parabéns, lhe desejamos muita saúde paz e amor.

**Clara e Renato Bortoluzzi**

Em 2002, logo após a vitória eleitoral de Germano Rigotto no segundo turno, recebo mensagem eletrônica, convidando para um encontro na Redenção, em frente ao monumento do expedicionário, para tratar de uma campanha de cancelamento de assinaturas do jornal Zero Hora do Grupo RBS. Iniciaria, ali, uma amizade que gerou frutos: se, hoje, sei o que sei a respeito da democratização das comunicações, bem como estou na Executiva Nacional da Campanha Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania (Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados), é porque as mãos do Pedrinho Guareschi me conduziram até aqui.

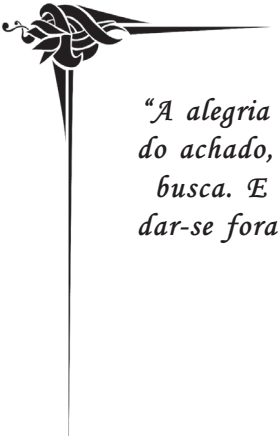
Não o conheci naquela manhã de domingo na Redenção, dia 3 de novembro de 2002. Lembro da presença do Prof. Osvaldo Biz, seu companheiro de tantos livros sobre democracia e comunicação. Ali, naquele grupo de umas 30 pessoas, nascia o Midi@ética – Movimento Pela Ética na Mídia – ou Zero Fora. O primeiro contato com o Pedrinho foi através de um artigo publicado no Ficha Corrida, que tive o prazer de resgatar nesses dias: *Meditações sobre 27 de outubro de 2002* <http://migre.me/LEWh>. O Eugênio Neves, meu companheiro, participou de uma reunião com a então reitora da UFRGS, Wrana Panizzi, na qual ele estava presente. Só fui conhecê-lo pessoalmente na sessão de autógrafos do lançamento do livro *Uma nova comunicação é possível*, ainda em 2002, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Juntos, participamos do Fórum Social Mundial de 2003 e 2005; debate sobre comunicação na FABICO/UFRGS (2003) e FAMECOS/PUC (2004); panfleteação no Tribunal Internacional contra os Transgênicos (2003); videoconferências (2003 a 2007) e Assembléia Nacional da Campanha Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania (2007); Ato Fora Yeda (2009), Conferências Municipal, Estadual e Nacional de Comunicação (2009), da qual fomos delegada e delegado eleitos pelo segmento sociedade civil.

São anos e anos de militância política, mas, acima de tudo, uma amizade de respeito, carinho, admiração, alegria e alto astral, porque é impossível estar ao seu lado e não dar risadas de suas piadas e anedotas! São a alegria contagiante, aliada ao compromisso ético com o Outro, as qualidades que quero destacar do meu amigo Pedrinho Guareschi.

PARABÉNS A VOCÊ!!! GRANDE BEIJO!!!

**Cláudia Cardoso**



*"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria".*

*Paulo Freire*

Apesar de conhecer pessoalmente o Pedrinho há bem pouco tempo, estas palavras de Paulo Freire para mim são sintetizadoras do que percebo como missão de vida do nosso Prof.

A alegria que transmite no ensinar, a busca pela justiça, o prazer em compartilhar seus "achados" e principalmente, o "cutuco" nas nossas mentes, para nos fazer pensar, criticar, e com isso, realmente participar como atores da nossa própria existência, transformam as horas que compartilhamos em uma grande aventura, sempre com desafios e surpresas.

Sinto-me privilegiada por poder, neste espaço-tempo, conviver com este grande Educador!

Grata por tudo, Prof.

**Cristina Prisco**

# O ensinamento do Pedrinho

Pedrinho ensina com reciprocidade. Para quem é deste jeito**,** cada um transmite o que sabe, o saber que cada um sabe tem igual valor na vida vivida. No mundo da ciência não ocorre isto. Mas Pedrinho faz ciência também, a ciência dos saberes de todo mundo. Ao ensinar com reciprocidade, Pedrinho ensina a própria reciprocidade.

A escuta é uma habilidade sua e de poucos, daqueles que não precisam suportar a diferença, porque aceitam-na na essência; compreendem que ela é, de fato, o caminho que os saberes fazem em conjunto para chegar a uma construção. É assim que Pedrinho aceita a diversidade de projetos dos seus alunos e das pessoas que o cercam, não importando se são acadêmicos ou de vida, e abraça-os todos com o mesmo carinho com que aceita o próprio conhecimento. Nunca menos. Todos têm um lugar no ensinamento do Pedrinho.

Pedrinho pisou o chão com o pé. Fez uma raiz profunda que muito logicamente o permitiu voar na altura e na extensão da vida, sem perder de vista que o mundo do sistema existe para quem quiser se fixar nele, mas fazendo a opção pelo outro. Desenvolveu uma cor diferente no monocromatismo do saber científico, desafiando, com a humildade de quem caminhou de pé no chão, o caminho seguro e certo, onde não havia dúvidas. Gerou questões de pensamento que se responderiam na compreensão conjunta de muitos outros saberes, aqueles não considerados por quem escolhe o caminho esperado. Generosamente, levou junto consigo os seus alunos, aqueles que formal ou informalmente, tendo sido ou não conduzidos pelo conhecimento dos livros, quiseram aprender. Ensinou que muitos tinham saberes e que a verdade, não sendo única, também não se dissolveu na multiplicação de perguntas, mas está nos saberes de todos e, ainda, que acreditar é importante, tanto quanto amar. Ensinando que na base dos saberes estão as crenças e que estas, sim, são de todos e importam - mais do que as formalizações matemáticas a que uma ciência almejou alcançar, ou os experimentos de laboratório que pretendiam assegurar-

lhe um campo com fronteiras espessas -, possibilitou que muitas pessoas do mundo da vida que não sabiam que sabiam, soubessem e se reconhecessem nos seus saberes. Foi assim que Pedrinho libertou as pessoas. Pedrinho é um Mestre.

Eu aprendo com ele há vinte anos. Sou muito grata por ser aluna do Pedrinho.

**Denise Amon**

# Amor ao Mestre

Em tempos de palavras gastas, algumas soam como necessárias aos nossos sentidos. Refiro-me a palavra mestre, e a significação que a mesma implica nas "gaiolas de aço" desse "desencantado mundo".

Ser mestre, não como rótulo acadêmico (gasto também pelo número), mas como lugar único, nas lembranças de uns e na existência de muitos, é coisa para tão poucos, é coisa tão digna, que só pode ser destinada aqueles que consideramos mais do que especiais, eu diria aqueles que de tão fundamentais, tornam-se mesmo imprescindíveis.

Um mestre, não é reconhecido, só pelo que sabe, e via de regra, ele sabe, e sabe muito, mas fundamentalmente por aquilo que a partir desse saber ele potencializa.

Um mestre é mestre, quando redireciona os nossos sentidos para o local que a produção de conhecimento deveria ter como único, e esse lugar pelo mestre mostra-se como a vida.

Vida que "sendo real e de viés" impõem paisagens difíceis ao olhar dos aprendizes, não raro, apressados e afoitos por mudanças repentinas. Ah, a hora da pressa, essa é uma das horas que o mestre torna-a "vasta", ou seja, através dos seus olhos adoráveis e maduros, empresta aos nossos o seu incorfismo e a sua responsabilidade, a sua indignação e a sua esperança, a sua fé e a sua razão tão divinamente humana, quanto seguras. Empresta acima de qualquer coisa a sua relação com as coisas e com as pessoas. É nessa hora vasta, que o mestre concretiza a lição primeira, e que nunca será esquecida: a humildade de reconhecer, que por mais livros e experiências que tenhamos é sempre importante saber voltar ao começo, e que saber voltar é coisa que só se aprende tendo como base o respeito pelo outro e pela relação que a partir dele eu implemento e (até por isso) me complemento. Somos seres de relação, diz o mestre, e é para isso que viemos, por mais ou menos que saibamos, tenhamos ou consigamos ter na relação, nosso alimento.

Um mestre, diante e pela relação, nos ensina também, que temos que colocar o "pé no barro", que é chegada à hora de abdicar das comodidades e das manchas da submissão e da mansidão de muitos nossos atos, impregna nossa vontade, restitui nossos sonhos e valoriza nossa ousadia diante das inenarráveis misérias da realidade lameada pelas desigualdades e injustiças econômicas, sociais e psíquicas.

Um mestre tem tantos aprendizes, que nem sempre lembra os seus nomes. Mas o que faz o mestre, diante dessa situação? Coloca naquilo que deveria ser um justificado esquecimento a força de uma outra possibilidade de reconhecimento. Todos passam a ser "santinhos e santinhas", adorados desde o começo. E nós, santinhos e santinhas, rindo, nesse exato momento, compreendemos, o quanto ser um, nem sempre é o melhor evento.

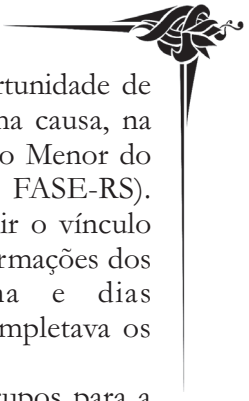
O mestre é aquele que provoca lágrimas de saudades, mas também o riso pelo agradecimento pelo tudo que foi e pelo que fez como possível.

Um mestre abre portas. Sem deixar de dizer que é necessário ter cuidado, pois muitas serão as dificuldades... Volto, nesse momento a porta onde me despedi daquele, que considero meu único mestre. E com lágrimas de saudade e ao mesmo tempo com um riso de agradecimento. Re-digo:

Muito obrigada, meu amado Mestre Pedrinho! Obrigada por tudo que foi e pelo que fizesses a mim como possível. E se mais não consigo dizer, também, pelas lágrimas e pelo sorriso, talvez até porque amor ao mestre, não seja coisa que se escreva... Amor ao mestre é algo que se segue, tal como lua cheia ou sol matutino, iluminando nossas noites e dias, dizendo das sombras e das luzes, mas acima de tudo, nos dando a tranquilidade e a paz necessária para seguir nos apontado caminho...

Que mais dizer se não uma outra despedida... Mestre... sigo tentando aprender... e foi só por ti ... que hoje posso acreditar que... estou indo...

**Denise Bussoletti**



Nos anos 1970 tivemos a oportunidade de trabalharmos juntos por uma mesma causa, na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor do Rio Grande do Sul, FEBEM (hoje FASE-RS). Meninos que precisavam reconstituir o vínculo familiar e comunitário recebiam informações dos educadores durante a semana e dias determinados, e o Pe. Pedrinho completava os ensinamentos.

Nesse período, organizamos grupos para a primeira comunhão, até uma ala para o casamento de uma professora.

Nos dias de sua visita, os meninos conversavam em grupos, trocavam ideias sobre o que aprendiam com ele.

Tempos para todos jamais esquecidos, juventude e escuridão, muitas pedras no caminho, mas, com a fé e esperança levada pelo Pe. Pedrinho, uma vela se acendia no caminho a iluminar.

**Eva Teresinha de Oliveira**

PEDRINHO GUARESCHI é um amigo de longa data, desde os tempos – lá pelos fins dos anos 1960 – em que me instalei no Rio Grande do Sul para fazer "contrabando de gente", ou seja, dar fuga, via fronteiras com Uruguai e Argentina, aos perseguidos pela ditadura militar.

O que não acredito é que Pedrinho esteja completando 70 anos de vida. Nem que tenha feito plástica. Portanto, ao vê-lo tão jovem, com o mesmo entusiasmo (palavra que significa "repleto do Espírito de Deus") de sempre, só posso concluir que Pedrinho Guareschi descobriu, em suas múltiplas atividades, o elixir da eterna juventude...

Pedrinho é aparentemente paradoxal e subjetiva e objetivamente de uma coerência invejável.

Paradoxal porque aparenta tanta jovialidade e, no entanto, possui a cultura dos velhos sábios.

É uma pessoa doce, de trato afável e, ao mesmo tempo, profundamente crítico, capaz de transformar suas ideias em verdadeiros artefatos de demolição do sistema capitalista.

Pedrinho é um escritor talentoso, um professor amado por seus alunos e um analista pertinente. Suas obras trafegam pelas principais vertentes do humanismo: comunicação, psicologia, sociologia etc. Seus livros – Sociologia crítica, A máquina capitalista, Comunicação e poder, Os construtores da informação, Psicologia em questão etc. – são literariamente bem escritos, didaticamente palatáveis e eruditamente fundamentados. E neles ressoa, sempre, a voz dos que não têm voz, dos oprimidos, daqueles que fazem de Pedrinho Guareschi um militante intrépido da causa de Jesus que é a causa dos pobres.

Agradeço a Deus ter em Pedrinho Guareschi um irmão e um amigo. Deus o conserve entre nós nos próximos 70 anos.

FELIZ IDADE, Pedrinho.

Fraternura,

**Frei Betto**

# Pedrinho Guareschi
# Um professor para chamar de meu...

Grazie[1]

Há muitos e muitos anos, quando eu vagava pelos corredores da UNISINOS tentando me adaptar ao Curso de Comunicação Social, sentia que nada se encaixava comigo. Eu gostava de andar, de curtir os espaços arborizados e pitorescos do campus, mas, de modo algum me sentia pertencente daquele lugar.

Nada do que eu tentava aprender nas disciplinas fazia sentido para o meu senso um tanto estranho de realidade. Meu mundo era o cinema e todo o sonho que ele poderia oferecer para alguém que não sabe bem o que faz no planeta. Porém, o curso de Comunicação não me proporcionava o esperado conforto de estar no caminho certo. Exceção: Prof. Francisco Araújo que me apresentou Alfred Hitchcock e seu clássico *Psicose*. Alguma luzinha acendeu, enfim, um professor interessante. Mas, seu jeito duro e frio de falar, mantinha todo mundo distante, inclusive eu que tanto queria um professor para chamar de meu. Aprendi muito com aquele homenzinho mal-humorado e obsessivamente acadêmico.

Com um tempo de convivência percebi que ele era apenas mais um perdido tentando encontrar sentido na existência. Ele era uma pessoa afetiva disfarçada de iceberg intelectual. Ficamos mais próximos e passei a considerá-lo um professor maravilhoso, nunca o esqueci, mas ainda não podia chamar de meu.

Tudo continuou assim, meio morno, meio cinza, meio solitário e estranho até que um belo dia...

Ele entrou todo rapidinho pela porta, com seus grossos óculos pretos de acetato, sua camisa branca tipo *volta ao mundo*, sandálias, sorriso estampado e um magnetismo que fez todo mundo deixar de lado as combinações da próxima festa e prestar atenção. Não no que ele dizia, mas no que ele era.

[1] Conforme Pedrinho: "que quer dizer: de graça, gratuito, com generosidade." E foi assim que aprendi a amar meu nome.

Acho que naquele dia, fez-se a luz. Tudo muito, mas muito estranho. Aquele sujeito sorridente, dizendo piadas e mandando qualquer formalidade às favas tinha alguma coisa que me intrigava, me irritava e me atraia muito!

Não sei por que e nem bem quando foi que a gente se encontrou no meio daquela turma maluca e psicodélica da comunicação, no início dos anos 1980, mas sei que foi ali que minha vida ganhou sentido.

É Pedrinho, já sei que tu vais fazer cara de "ai que exagero!" Mas, a verdade é essa. Não sei se já disse claramente, contudo acho que aniversário de 70 anos é uma ótima oportunidade para te dizer o que tu representas na minha vida. Espero que aceites esse presente.

Eu te conheci e te coloquei na minha vida num momento muito difícil, coincidente com a morte dos meus pais. Com 23 anos, eu podia dizer que não sabia bem aonde ir e o que fazer nessa jornada maluca que é a existência. Eu ia indo, um tanto à deriva porque o lugar e as pessoas com quem eu estava habituada a conviver não eram os que eu poderia chamar de meus. Hoje eu sei disso e sei também o quanto essa convivência contigo me mostrou quem eu era e quem poderia ser.

De secretária da disciplina, fui também entrando na tua vida e sempre tentando entender o que eu estava fazendo ali. Por que eu? Será que foi ao acaso? Será que ele leu na minha alma: ela era um tanto forasteira? Quer me salvar? Que diabos esse padre resolveu que eu, atéia convicta tenho que ser a secretária dele? Que tanto ri e fala esse homem? Como é que alguém pode dizer que uma pessoa tem o direito de usar um ônibus e não pagar se for muito pobre e não tiver dinheiro? Essa conversa de gente que tem direito a terra está me assustando. Essa história de opção pelos pobres só pode ser piada. Imagina alguém que prefere os pobres! Ah, já sei. Ele quer fazer como São Francisco de Assis fez! Mas, aquele era só um filme do Zeffirelli, será que ele acreditou? E essa aliança preta no dedo? E o que será esse tal de PT? Meu Deus! Enfim, alguém que não liga para a prova! Isso parece interessante. Esse cara tem umas coisas muito malucas, mas acho que quero saber tudo o que ele

pensa. Engraçado. Essa aula não pesa e não dá sono. Gosto desse dia.

Acho que esse doidinho não é padre! Tem sempre um monte de gente em volta e ele tem jeito de quem gosta de festa. Como é que alguém pode ser padre e ser feliz?

O que? Comunicação tem sentido ideológico??? Ai, só me faltava essa. Eu aqui no curso de comunicação, tentando gostar dessa coisa que não ensina a fazer cinema e esse cara vem dar aula e meter o pau na comunicação!

Sabe que tem sentido o que ele diz? Sabe que o modo como ele fala entra fácil e não sai nunca mais? Não consigo mais ser a mesma. Acho que nunca mais vou conseguir ser uma publicitária. Ah, é pra escolher um livro porque ele vai ser o nosso paraninfo. É gostei da idéia, ele é nosso melhor professor. Sobre isto não tenho mais dúvida. Hum... tá, gostei desse: Ideologia do Publicitário. Zilda Knoplock.

E foi ai que tudo acabou. E foi ai que tudo começou. E todo o meu mal estar no meio publicitário, nas rodas alienadas de gente que só queria levar vantagem em tudo, e minha incapacidade de conviver com injustiça, com discriminação, com violência e outras modalidades pós-modernas de desviver tomaram um sentido vulcânico. Tudo explodiu. Fizeram-se mais trevas e me perdi mais. Eu ainda não sabia o que era, mas já sabia o que não podia ser. E não pude nunca mais nessa vida passar ao lado dos fatos. Eu tinha encontrado o fio das meadas. Não dava mais para voltar atrás. Então, a opção era seguir em frente.

Casamento, formatura, filha e um tempo para viver essa experiência doméstica. Ok. Aprendi até a cozinhar e descobri que as vassouras não têm vida própria.

Mexe alguma coisa dentro doida... Não, não tenho nada para fazer na comunicação. A Zilda colocou tudo em ordem para mim: não tenho a mínima condição de trabalhar com publicidade.

É, quero fazer psicologia. Fui.

Mas, surpresa! Aquele cara ali olhando a exposição de Freud, organizada na sala de alunos do prédio do velho é o Pedrinho?

É ele! Mas, é claro que não vai lembrar-se de mim. Oi, sim, sou eu mesma. É, casei, tenho uma filha e vim aqui fazer psico! Que memória tem esse cara!

Aula de Rorscharch, sono transcendental, alguém bate na porta. Chama a Graziela ai que o Pedrinho quer falar com ela. Se quero participar de grupo de pesquisa? Bom, não sei se tenho jeito, mas quero sim. Tá, vou lá sim, amanhã.

Sala minúscula, um computador, quatro cadeiras, um padre, dois seminaristas e eu. Ai, será que vou ter que ir à missa? Nem fiz crisma! Mas, esse negócio de pesquisa me dá um prazer. Eu gostava muito de *Viagens ao Centro da Terra, Terra de Gigantes, Perdidos no Espaço, etc...*

Acho que estou gostando. Ah, mais uma bolsa? Sim, tenho uma colega que é bem séria e quer participar. Ah, e tem nome de santa, é o nome dela é Fátima. Certo, ela vai ajudar muito sim. ABRAPSO? Mas e o que é isso? Organizar a ABRAPSO? Mas, por onde a gente começa? Como assim, *se virem*? Aprender a mexer em computador? Só me faltava essa! E se eu apago tudo que tem ai? Tá, tá, eu sento nessa cadeira e mexo nessa coisa endemoniada, mas não diz que não te avisei. Isso tudo só pra ele poder conversar com a Sandra todos os dias por esse tal de e-mail!

Encontro Regional da ABRAPSO? Mas, como é que a gente faz isso? É pra gente se virar? Pedrinho, tu és louco. Não sabemos por onde começar. Tá, a Fátima pegou a lista de sócios e vamos fazer contato com todo mundo para colocar em dia e se inscrever no encontro. Ah, não! Escrever capítulo de livro já é demais!! Tu achas mesmo que a gente pode? Um capítulo sobre a IURD? Mas, tu vais corrigir né? Pedrinho, socorro! Ele pensa que a gente sabe se virar...

Meu Deus, onde é que eu estava com a cabeça? Terminar a graduação e entrar direto no mestrado? E se eu não passar? Representações Sociais? Escrever um capítulo sobre um troço que ninguém entende direito? Tá doido?Mas a gente ainda nem se formou? Eu teimosa? Eu sou teimosa e tu és totalmente maluco. Gostei dessa história da águia. Certo, tu és a águia e eu sou o filhote. Mas, dá para me atirar da montanha daqui a uns 20 anos?

Como é que eu vou entrar para o doutorado? Isso é coisa para gente grande. Acertado, vou fazer, mas ta na hora de voar outros vôos. Quero estudar gênero. Ah, tu não achas importante? Então, tá. Vou estudar com a Marlene. Coisa mais machista! Só quer saber de luta de classe!

E foram quatro anos de muito aprendizado, amizade, respeito e muito crescimento. Marlene que o Pedrinho colocou na minha vida também. Ai Marlene, Pós-doutorado é demais! Não posso viajar. Não tem como. Quando volto, não tenho mais emprego. Ah? Fazer no programa, com o Pedrinho? Será que consigo? Será que o Pedrinho vai me querer ainda? Não, não é baixa estima, é noção de realidade! Não sei se ele entendeu meu faniquito de independência...

Marlene, o Pedrinho me aceitou de braços abertos! Sim, eu consigo vir uma vez por semana para o grupo. OK, combinado. Como é que vai ser a burocracia? Não, não te preocupa, eu sei que a gente enfrenta barreiras a vida toda. Já aprendi que nada vem de graça. Só o amor e a amizade verdadeira. Deu! Conseguimos! Podemos começar.

Voltar para a ABRAPSO? Será que a gente dá conta? Então tá, formamos o núcleo Grão de Areia. Fátima e eu novamente. Porque é um grãozinho mesmo! Mas, junto com os outros grãos ele vira uma praia. É, um pequenino grão de areia que era um pobre sonhador! Olhando o céu viu um Pedrinho e imaginou coisas de amor. (não sexual!!)

Pedrinho, sempre gostei de me confessar contigo, então ai vai mais uma confissão: tu és o professor para chamar de meu! Obrigada por tudo que semeaste em nossas vidas, mostrando que de verdade, um mundo melhor é possível. Que a Deusa te dê mais 70 anos de alegria, prazer, rebeldia e toda essa energia que brota de ti a cada madrugada, quando levantas a mil, para mais um dia de semeadura de consciências.

Feliz Aniversário querido.

Com meu eterno amor e totalmente grátis

**Grazie**

Resolvi começar meu pequeno escrito com uma irreverência se observarmos da ótica da academia. Usar uma frase que ouvi não sei onde, nem de quem... Mas, afinal, este texto é para o Pedrinho Guareschi, alguém que, muitas vezes, tem me deslocado do espaço da academia para o território da sabedoria.

A frase é a seguinte:

*"Artigo primeiro: Não há artigo primeiro. Artigo segundo: também não há artigo segundo. Parágrafo único: Revogam-se as disposições em contrário"*

Ao longo da vida Pedrinho tem me provocado a curiosa e farta amplidão que reconheço nessa expressão... Ser, inventar ser e pronto! Talvez por isso, eu não lembre de quando o conheci. Parece que ele sempre esteve presente. Um texto, uma novidade, uma dica... Também ouvi ótimas piadas e tentei contar algumas que ele ouviu com paciente interesse e me contou (melhor) depois...

Poderia falar infinitamente de marcas "das artes do Pedrinho" que habitam o espaço das melhores (e raras) memórias de companheirismo que tenho da vida na Universidade. Posso assegurar que, nessa convivência mais cotidiana, cada contato com o Pedrinho continha convite à partilha, no mais das vezes, na forma de um chimarrão. A melhor consequência da partilha, as revelações, vestiam-se de lembranças de algum lugar, leituras que ajudaram a duvidar, frases de efeito e, principalmente, convites para pensar: a mão tocando a testa e o gesto bradando "pensa comigo, duvida comigo e inventa um jeito de pensar livre".

Como disse Drumond "escrever é triste, impede a conjugação de tantos outros verbos"... Sei de muitas memórias que também poderiam ser escritas aqui e não sei de outras que, tenho certeza vão surgir ainda como sentimentos e inspirações. Por ambas, agradeço ao Pedrinho pela experiência vivida e pela esperança que me anima: a de manter e cultivar a amizade que generosamente me foi oferecida como mais um presente da vida.

**Helena Scarparo**

# Amigo Pedrinho!

Neste dia que festejas teus 70 anos de idade, não poderia deixar de escrever algumas linhas sobre o sentido da tua presença em minha vida e na vida de minha família.

É possível que não lembres como foi que nós nos conhecemos e como foi nosso primeiro encontro. Certamente não foi da forma mais tradicional, foi num dia especial para mim, mas num momento inusitado para você. Lembras que tua sala da Pós- Graduação em Psicologia estava localizada no andar térreo do colégio Champagnat junto a PUCRS? Como eu não sabia onde ficava a Pós-Graduação em Psicologia e muito menos a tua sala, eu fui perguntando para as pessoas que circulavam por lá onde era a tua sala e alguém me falou: "a sala do Pedrinho fica lá no final do corredor, a última sala". Fui me aproximando na expectativa de finalmente poder te conhecer pessoalmente, pois até então te conhecia apenas através dos teus livros, das entrevistas que davas para os meios de comunicação e do que as pessoas falavam a teu respeito. Ao chegar na porta da tua sala, levei um susto, me deparei com uma cena incomum. O que vi por primeiro foi uma enorme estante cheia de livros caída em cima da tua mesa, das cadeiras e da pequena poltrona, obstaculizando a entrada e saída da tua sala. Ao olhar para dentro, vi por detrás da estante caída alguém tentando juntar os livros que estavam espalhados por toda a sala. Perguntei: Prof. Pedrinho? Você rapidamente respondeu; "sim sou eu" e em seguida me perguntou: "e você quem é?". Eu sou o Hélio respondi, eu vim para a entrevista de seleção de mestrado. Você foi logo dizendo: "veja o que aconteceu, esta estante se desprendeu da parede e caiu e por sorte eu não estava sentado na mesa e também não havia ninguém sentado aqui na frente, pois poderíamos ter nos machucado". Ficamos olhando por um instante aquele ambiente e você foi logo dizendo: "bem, nestas condições não será possível fazer a entrevista aqui, vamos fazer lá em cima no segundo andar, mas, já que você está aqui, aproveita e me ajuda levar estes livros lá para cima onde será a minha nova sala". E lá fomos nós a carregar os livros escada

acima por várias vezes, lembras? E a entrevista? Conseguimos fazê-la já na tua nova e pequena sala, também localizada lá no fundo do corredor dobrando à esquerda. Sala esta que acolheu aquela estante caída, os livros que estavam nela e muitos outros que continuaram e ainda continuam chegando de todas as partes do mundo, independente do lugar onde estejas trabalhando.

Com a minha aprovação no processo seletivo para o mestrado, aquela sala também passou a ser para mim um ponto de referência importante, pois era ali que se realizavam as nossas supervisões, as reflexões teóricas sobre o projeto e a pesquisa do mestrado e dos sempre e enriquecedores seminários das terças-feiras, que já se realizavam há muito tempo antes da minha entrada no mestrado, onde os teus alunos e convidados se reuniam para discutir temas "quentes", "mordentes" e, é claro, sempre acompanhados pelo inseparável chimarrão preparado por você, com todo o cuidado, desde cedo da manhã, invariavelmente antes das oito horas, com a água aquecida no velho e amigo bule elétrico trazido da Inglaterra. Aliás, chimarrão que foi aos poucos sendo incrementado com a erva mate *buena tchê,* fabricada em Passo Fundo, que se difere das outras pela sua origem, pelo modo artesanal de fabricação, pelo gosto forte do seu sabor e pelo perfume que exala, na medida em que a cuia vai passando de mão em mão, seja de manhã cedo, na hora em que olhas e respondes os e-mails, ou durante as aulas, ou no seminário das terças-feiras, ou mesmo durante a defesa de dissertação ou tese. Lembras que também por um bom tempo, especialmente nos seminários, era presença obrigatória aquela rapadura de amendoim feita de melado comprada na região de Pouso Novo, entre Passo Fundo e Porto Alegre?

O mestrado ia me exigindo bastante, e na medida em que eu ia me ambientando com os novos colegas e com a vida acadêmica, também fui conhecendo aos poucos a dinâmica da tua vida acadêmica, que até hoje continuo admirando, pelo teu permanente e contagiante entusiasmo na busca do conhecimento, através da pesquisa dos fenômenos sociais que nos cercam e, em especial, a Ideologia, as Representações Sociais e a Comunicação Social.

O tempo do curso de mestrado ou de doutorado é um tempo de intenso relacionamento entre orientador e orientando, mas, concluído o curso, esse relacionamento na maioria das vezes termina aí, as pessoas se afastam e cada uma toma o seu rumo, poucas continuam a manter contato após este período. Não foi o que aconteceu com a gente, Pedrinho. É que durante o mestrado fomos construindo laços que nos aproximaram cada vez mais, eram os encontros nas supervisões, nos seminários, nas participações em eventos científicos, principalmente os eventos da ABRAPSO, onde arranjávamos tempo para discutir os resultados e os rumos das nossas pesquisas. Certamente estes foram momentos importantes que nos aproximaram, mas também houve outros momentos e espaços de interação fora da academia, que nos levaram para um outro nível de relacionamento. Entre eles, nos teus aniversários na Estância, na Missa Crioula no dia 20 de setembro no CTG em Gravataí, e aquela missa debaixo da grande figueira no Morro das Tamancas, lembras? Nas tuas idas para Passo Fundo, para tratar de questões da tua Comunidade, ou na condição de palestrante em eventos, tanto em Passo Fundo como nas cidades vizinhas, sempre arranjávamos um motivo para nos encontrar, seja num barzinho tomando um chopp, ou na nossa casa onde tu sempre terás um espaço. Esses momentos sempre foram e ainda continuam sendo muito agradáveis, pois são momentos de descontração, de atualizar o estoque das piadas e falar da vida e dos sonhos da gente. Bem, isso iniciou no período do mestrado e esperamos que possa continuar sendo sempre assim. Sabes que ficamos sempre muito felizes quando ficas na nossa casa.

Bem, o período do mestrado terminou, foi um período que me exigiu muito e, ao concluí-lo, fiz uma promessa: doutorado nem pensar. Chega à experiência do mestrado. Mas, após alguns anos da conclusão do mestrado, a calmaria acabou quando um dia recebo um telefonema teu: "Hélio tu não vai te inscrever para a seleção de doutorado? As inscrições terminam hoje". Resultado? Inscrevi-me, passei no processo de seleção, fiz a matricula e lá se foi minha promessa de não me estressar com o curso de doutorado. Se, por um lado a experiência do doutorado foi realmente estressante, por outro, o tempo do doutorado nos

aproximou definitivamente, tendo em vista os desdobramentos que se seguiram. Um deles foi um convite que você fez para os teus orientandos para participar de um evento sobre Representações Sociais em Roma. Lembro que confirmei na hora. E lá fomos nós! Naquele evento, você foi um dos quatro principais conferencistas. Aproveitamos para apresentar nossa pesquisa sobre a Representação Social do Acidente de Trabalho. Essa viagem me exigiu um pequeno sacrifício. Em função do meu tratamento da hepatite C, não pude degustar aquele saboroso vinho italiano, mas você me prometeu que retornaríamos numa outra vez para resolver este pequeno problema que ficou pendente. Pedrinho, valeu o sacrifício, com o tratamento consegui me curar. Aquela semana que passamos na Itália foi um período especial, pudemos participar do evento, apresentar nossa pesquisa e também visitar locais históricos, é claro, graças ao teu conhecimento de todos aqueles lugares. Foi uma semana onde pudemos conversar bastante, trocar ideias e passear. A visita na casa de tua sobrinha teve um sabor especial, pois pude conhecer o interior da Itália, visitar o antigo moinho e a casa de Verdi, conhecer pequenos vilarejos e grandes castelos assim como o grande centro da moda de Milão.

Diferentemente do mestrado e em função do tratamento de saúde, precisei interromper por um ano o doutorado. Pedrinho, foi nessa fase difícil e espinhosa que senti o quanto tu és compreensivo em relação às dificuldades dos teus orientandos. Você sempre foi aquele que me acompanhou e me compreendeu nas horas mais difíceis, me deu suporte e soube esperar o meu tempo, soube compreender cada momento pelos quais eu passei até retornar para concluir a construção da tese. Mostrou-me que as tarefas, embora difíceis, podem ser superadas e vencidas. Foi o que aconteceu comigo. Nesse processo e caminhada, você me orientou sempre que precisei, mesmo que estes momentos e locais fossem fora da academia. Com isso, vivi a experiência das "supervisões itinerantes", quando você, aproveitando pequenas janelas do teu tempo para descanso ia visitar familiares e sempre me abria a possibilidade de me receber na casa deles e me dar orientação. Só para citar alguns lugares: Não-Me-Toque, Santa Bárbara do Sul, Colorado, Bombinhas, Passo Fundo e em Porto

Alegre, na tua comunidade do Bom Fim, mesmo te recuperando de um acidente no qual foste vítima, não te negaste em me receber. Quem faria isso? Quem faz isso? Só um grande coração faz o que você fez.

Foi assim que nos conhecemos e que a primeira relação orientador e orientando, no início do curso de mestrado, tornou-se mais que uma simples amizade, diria que hoje é uma relação de amigo-irmão, onde estão incluídas muitas outras pessoas, entre elas, a Jerusa, o Vinicius e o Daniel, assim como teus familiares, irmãos, cunhados, primos, sobrinhos e amigos.

Pedrinho, ao concluir, quero retomar o que está escrito no teu convite e que representa tão bem o que és: "a idade é algo que nos envelhece para umas coisas e nos rejuvenesce para outras. Com a idade adquirimos a cultura dos velhos sábios, mas também a jovialidade para a luta do cotidiano".

Te desejamos um feliz aniversário e que Deus te acompanhe, abençoe e te proteja em todos os momentos da tua vida.

Um grande abraço.

**Hélio, Jerusa, Vinicius e Daniel Possamai**

# A palavra da "salvação"

Além do privilégio de conviver com o Pedrinho durante os sete mais importantes anos da minha formação profissional, no grupo de pesquisa Ideologia, Comunicação e Representações Sociais do Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCRS, tive a oportunidade (e ainda tenho) de compartilhar com ele momentos muito ricos num lugar de paz, sol e beleza natural: a praia de Bombas. Foi por ali, aliás, que tudo começou: eu era uma simples aluna e no final de uma aula de Psicologia Social I ele chamou por meu nome e me fez uma proposta inusitada: pediu que eu levasse duzentos dólares para o Seu Iraci do Mercadinho Íris, na praia de Bombas. Era véspera de feriado e eu viajaria para a casa de praia de minha família lá. Achei super esquisito ele confiar em uma menina de 17 anos que nunca tinha falado nada de especial nem nas suas aulas. Mas... vá lá, me senti muito honrada por tal confiança, e para garantir que seu dinheiro estava seguro, pedi até para o meu pai ligar para ele para combinar os detalhes. Ele nunca pareceu preocupado com aquilo (bem no estilo Pedrinho de ser...). Depois disso, não lembro exatamente como, fui parar naquela salinha dos fundos do corredor do terceiro andar do Champagnat e os anos trouxeram uma sucessão de bons momentos onde aprendi a ver o mundo com os olhos de uma psicóloga social crítica.

Mas não foi só no prédio do Champagnat, e depois no prédio 11 – eu carreguei as caixas da mudança – que aprendi com o Pedrinho, nem somente a ser psicóloga social. É na verdade essa a história que quero contar: como aprendi a ser católica.

Eu nasci numa família católica, e fui batizada, fiz a primeira comunhão e a crisma também. Mas chegou uma época da vida que o "glória a vós senhor" já não me fazia sentido nenhum. Estudei psicologia e aprendi muito sobre a mente e o quanto as pessoas escolhem seus destinos, entregam-se aos seus amores buscando a relação original com a mãe, rendem-se aos demônios criados internamente por seus próprios traumas. Enfim, tudo muito terreno. E a salvação dos pecados então? Claro que eu também tive uma época em que me interessava muito mais os pecados que a salvação...

Mas nunca rompi com minha religião. Pensava em casar na igreja de véu e grinalda e isso se misturava muito bem com meus sonhos de príncipe-princesa, efeitos dessa cultura (ideológica, patriarcal) em que somos criadas. Mas fiquei uma católica ambivalente por muitos anos. Pior que isso: fiquei achando que tinha descoberto tanto sobre a mente humana que tinha evoluído demais para acreditar na ideologia da igreja. Aliás, nessa época não entendia como o Pedrinho conciliava internamente o sacerdócio e psicologia social. Como não se indignar com as várias representações sociais ideológicas que a igreja católica reproduzia por anos a fio em vários lugares do mundo? O lugar da mulher, a repressão da sexualidade, a filosofia do sofrimento para alcançar a salvação! Senhor, tende piedade de nós, senhor tende piedade de nós senhor tende piedade de nós, ufa! Não parece a cultura do servir, do subjugar-se? Como isso poderia dialogar com a psicologia social crítica? E com o estilão petista, então?

Mas um dia o Pedrinho me avisou que faria uma missa na Igrejinha de Bombas. E eu fui. E eu nunca mais voltei. A mesma.

Naquele final de tarde ventoso, mas quente, nos bancos simples daquela igrejinha lotada, eu ouvi uma boa aula de psicologia social.

O Pedrinho falou de justiça e ética numa linguagem que o mais simples pescador podia entender: explicou que não podemos ser justos sozinhos, pois justiça envolve uma relação. E mais do que isso: o que nos define é uma relação: somos sempre filhos, pais, professores de alguém, ninguém é indivíduo, indivisível, todos somos compostos, assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amém. E discorreu sobre todos os conceitos que eu tinha aprendido com ele, conceitos da psicologia, da filosofia e da sociologia aplicados na prática da vida. E pregou, sim, pregou que amássemos uns aos outros e soubéssemos perdoar e pedir perdão dos nossos erros, pois só assim se faz um povo unido e forte, só assim um povo pode lutar contra a opressão.

Muito apropriado para uma comunidade de beira mar, onde a corrupção política é escancarada, enquanto os barcos vem e

vão do mar trazendo peixes que as vezes nem podem ser multiplicados.

Essa era, de fato, a PALAVRA DA SALVAÇÃO. E o Pedrinho sabe dizer A Palavra. Graças a Deus!

A palavra que liberta! É isso! E eu vi naquela missa um misto de Sócrates, Paulo Freire e Freud numa sintonia fantástica! "Dizei uma palavra e serei salvo". Com certeza Sócrates dizia suas palavras para fazer nascer, vir à luz, a consciência. Maiêutica socrática. Paulo Feire concordaria sem hesitar: provocar as pessoas para produzir consciência crítica – só através da palavra que liberta. Até Freud "pregou" que no processo psicanalítico fazer o outro chegar ao insight era a melhor maneira de "salvar" uma mente doente, em sofrimento. Ora, promover o insight nada mais é do que provocar, dizer palavras que conduzam, que permitam vir à luz os verdadeiros afetos levando a uma maior auto-consciência.

E foi aí que tudo mudou para mim: entendi o sentido de muitas coisas. O sentido de ser católica, o sentido de ser psicóloga, o sentido de ser alguém aqui na Terra. Terminei o Mestrado, casei (o Pedrinho celebrou meu casamento, é claro), tive dois filhos e hoje trabalho basicamente com políticas públicas de prevenção e atendimento de populações carentes em Bento Gonçalves, nas áreas de prevenção à gravidez na adolescência contaminação por AIDS e combate ao uso de drogas em adolescentes. Sou vice-presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) e pretendo continuar dizendo A Palavra, para quem eu puder ajudar, à luz do meu Mestre.

Pedrinho, sabemos a força que têm as palavras tanto para fortalecer quanto para abalar uma relação. Perdão pelas palavras mal ditas, obrigada pelas palavras da salvação com que me presenteaste em todos esses anos.

Não sei se Deus está no céu, mas se Deus é amor, ele está bem pertinho de nós.

Com carinho

**Karina Preisig Paggi**

Tive mais que a oportunidade de trabalhar junto ao grupo de pesquisa coordenado pelo Pedrinho entre os anos de 2000 a 2004, primeiro como bolsista de Iniciação Científica e depois como Apoio Técnico, tive foi a sorte, sorte de poder editar e revisar alguns dos seus livros, aprendendo com a sua ajuda ao mesmo tempo em que me enriquecia com tantos saberes. Tive a sorte de acompanhar as várias etapas que constituem uma pesquisa criteriosa e escrupulosa, e identificar a importância desta para compreensão da realidade. Tive a sorte de ter ao lado um baita mestre, amigo, sábio e por isso exigente, que ensinou que a contradição é parte da condição humana, que a responsabilidade deve vir de dentro, que as perguntas são mais importantes que as respostas, que a teoria vem da prática, entre tantos outros ensinamentos. Tive a sorte de compartilhar momentos onde se conjuga o prazer do encontro e a busca do conhecimento.

Por fim, tive a sorte do encontro com este "Santinho" que tem a fé na solidariedade e na esperança, no amor e na pessoa humana. Agradeço aos deuses por sua existência e pela sorte deste saboroso encontro. Peço aos deuses que o proteja e nos reserve outros momentos em comunhão.

Então, deixo aqui expresso minha imensa estima e o meu profundo sentimento de gratidão por ter me enriquecido com a sua humanidade e sabedoria.

**Laura Helena Pelizzoli**

Querido mestre Pedrinho, parabéns pelos 70 anos de uma vida repleta de sabedoria, doação e amor ao próximo. Aprendi muito com você e tenho buscado compartilhar os ensinamentos com meus alunos que muito o admiram. Você conhece como ninguém o significado da palavra vínculo, caminho para o verdadeiro conhecimento.

Abraço grande,

**Letícia Horn Oliveira**

# Recordar e Celebrar

Já dizia Albert Einstein "a vida de um indivíduo só tem sentido na medida em que ajuda a tornar mais bela e nobre a qualquer outra vida".

Na década de 1980, quando os grupos de base e movimentos sociais da Igreja e sociedade iniciavam seu declínio, eu vivia o despertar pleno da opção pelos pobres. A bandeira era "evangelizar os pobres e deixar-se evangelizar por eles". A realidade social de exclusão exigia uma redefinição, buscando as fontes da Congregação e consequentemente a inserção era inevitável. As Vilas Pinto, CEFER, Brasília, Ipê, Colina em Porto Alegre, eram lugares da manifestação do Espírito.

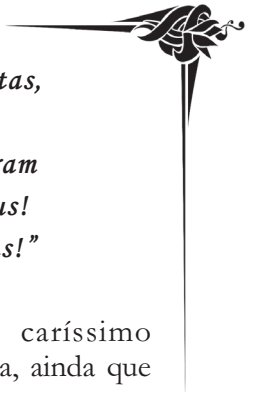
Foi assim que Pe. Pedrinho encontrou-me quando voltou do seu "pós-doutorado" feito nos Estados Unidos, cheio de novidades do mundo moderno e dando pistas para uma radical transformação social-política-religiosa. Tudo parecida tão estranho! Porque este padre queria com tanto carinho morar conosco junto aos pobres, pisando lama, água de esgoto, ouvindo tiro, tráfico acontecendo e morte aparecendo?

Com certeza Pe. Pedrinho também precisava fazer a experiência-vivência da opção pelos pobres. Foi neste contexto de transformação que iniciei a entender melhor a "sociologia crítica". Bons tempos! Juntos construímos comunidade igreja. Partilhamos construindo juntos. Cada criança, jovem e família socorrida era um sinal de esperança. A tia da creche, Sra. Terezinha era nossa tia-mãe também.

O tempo passou e a lembrança fica, porém, não foi necessário fazer voto de não perder um minuto, mas fazer de cada minuto a vida acontecer. Por isso, "irei a qualquer parte desde que seja para frente", dizia Livingstone.

E para você Pe. Pedrinho, nesta sua e nossa festa tão necessária, nessa bela história construída, termino com um pensamento de Guimarães Rosa, "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende". Você faz parte da minha história. Obrigado! Que daqui para frente você tenha um novo aprendizado, onde a vida se faz ação de graças no Espírito. Parabéns!

**Pe. Lino Mayer**



*"Se eu fosse um padre eu citaria os poetas,*
*rezaria seus versos, os mais belos,*
*desses que desde a infância me embalaram*
*e quem me dera que alguns fossem meus!*
*(...) Um belo poema sempre leva a Deus!"*

As palavras de **Mário Quintana**, caríssimo **PEDRINHO GUARESCHI**, sugerem um poema, ainda que singelo, para homenagear um **amigo sacerdote**:

**Homenagem a Pedrinho Guareschi**

Setenta anos: tema para um poema...
Para muitos versos encharcados de experiências!
O tempo é escasso,
e é justamente o que faz encantador,
celebrar a vida de quem desafia o trivial;
de quem entende que a dor
não é a ordem natural,
e então, coloca seus dons
à causa da transformação social.
É uma ocasião privilegiada,
celebrar a vida de quem prossegue na caminhada
despetalando a fé pela estrada!

É admirável a existência daquele, cuja idade,
não é apenas um somatório dos dias,
mas representa o ofício permanente
do semeador de alegrias!
É louvável a trajetória
de quem, com palavras e feitos,
interfere na história
e, dos mais variados jeitos,

alarga os espaços,
descruza os braços,
porque compreende que o tempo é escasso,
mas a fraternidade é urgente!
Setenta anos de uma vida assim,
é um naco de luz no universo:
merece gratidão, reconhecimento e a ternura do verso!

**Lúcia Barcelos**
Equipe do Jornal Mundo Jovem

# "Meus santinhos e minhas santinhas"

Quando, na minha infância, minha mãe colocou-me na catequese em preparação a Primeira Comunhão na Comunidade da Vila Pinto (periferia de Porto Alegre), pensava que catequese era lugar de pessoas que só queriam falar sobre a Bíblia. Eu praticamente não entendia muito o que um dos catequistas, que era padre, dizia. Ele pedia para as crianças lerem trechos da Bíblia para os outros, e eu "morria" de vergonha quando era minha vez. Admito que não gostava, era muito chato! Que ironia! Hoje sou acadêmico de História e minha principal ferramenta de trabalho é a fala.

No entanto, uma vez por semana tínhamos a visita de um outro padre, totalmente diferente daquele que nos mandava ler a Bíblia. Quando ele chegava era uma alegria! Visitava-nos uma vez por semana, mas valia pela semana inteira. Ficávamos deslumbrados, ele não falava só de Jesus, José ou Maria, ele articulava suas ideias com a nossa realidade, com aquilo que estava ao nosso redor. E o que era melhor, de uma forma que todos nós entendíamos o que ele dizia. A partir de nosso cotidiano, ele nos ensinou os dez mandamentos e muitas outras coisas relacionadas com a fé.

Tornei-me adolescente e fui morar no interior do Estado do Rio Grande do Sul, numa cidade chamada Nonoai. Chegando nesta cidade, para mim tudo era novo: escola, sociedade e colegas. Na escola, nas aulas de ensino religioso e sociologia, as professoras trabalhavam muito com textos do jornal Mundo Jovem. Quando li pela primeira vez um nome chamado Pedrinho, eu pensei que fosse uma forma carinhosa de chamar uma pessoa. Este nome era familiar, tentava de todas as formas lembrar onde tinha ouvido falar sobre este nome. Cresci e acabei voltando para Porto Alegre e, quem diria, para o mesmo bairro. Entrei para a faculdade e na cadeira de sociologia, advinha! Este nome de novo aparece... Fiquei curioso em saber mais sobre quem era Pedrinho, mas as minhas informações eram somente as do meio acadêmico. Troquei de faculdade e, em uma cadeira de Educação Patrimonial, a professora pediu para nós trazermos um bem

material que fosse significativo. Eu, procurando em minhas fotos, encontrei uma do tempo da catequese, levei-a para a professora e ela achou incrível, pois quem estava na foto era um professor de sociologia, e adivinha quem era? Pedrinho. Se existe o acaso, não sei, mas fui convidado para tomar uma canja na casa de um casal amigo, Marcos e Odete, e adivinha quem estava tomando sopa comigo? Pedrinho Guareschi. Aquele que nos visitava nas "aulas" de catequese da Vila Pinto, que realizou minha Primeira Comunhão, que me fez pensar nas aulas de ensino religioso e sociologia, o mesmo que na faculdade me fez analisar os contextos sociais e, quem diria, o mesmo da foto da disciplina de Educação Patrimonial. Ele mesmo! Para falar de Pedrinho talvez eu não seja a pessoa mais certa, mas afirmo com convicção, Pedrinho é o Cara.

Parabéns Pedrinho!

**Luís Carlos Borges dos Santos**

# Mensagem ao amigo Pedrinho Guareschi

Pedrinho Arcides Guareschi, isso mesmo que você ouviu, pois se pensava que era Alcides se enganou. Quando me foi solicitado uma mensagem para essa pessoa tão querida, na festa de seus 70 anos de idade, logo lembrei da primeira vez em que nos encontramos, e digo que nos encontramos, pois nos conhecemos realmente depois. Era um domingo a tarde, eu estudava filosofia e estava a procura de um orientador para meu trabalho de conclusão de curso. Ele, sempre disponível, contudo apressado, me atendeu enquanto caminhávamos. Confesso que até hoje não entendi completamente por que ele parece estar sempre atrasado, mas acabei adotando o mesmo costume. Deve ser para aproveitar bem o tempo. Coisa que ele aprendeu no seminário. "Não perder um minuto da vida".

Muita coisa aprendi com o Guareschi, talvez outras ensinei; um cômico exemplo é com relação ao trânsito. Lembro que sempre dirigíamos juntos, eu no volante, mas ele na direção. Continuando a conversa, acredito que somos resultado das inúmeras relações que estabelecemos ao longo da vida. Cada ser humano, no encontro com o outro, faz um processo de aprender, desaprender e reaprender. A relação deve fazer com que reconheçamos o outro como sujeito, um sujeito que completa a relação e expõe nossa incapacidade de viver isolados. Essa dinâmica das relações aprendi com o próprio Pedrinho, tanto em palavras como em ações, no zelo por suas amizades e pela pessoa do outro, independente de quem seja. Com seu jeito humilde, cativa e acolhe, às vezes oferecendo um chimarrão como se fosse um sacramental da amizade.

Arrisco destacar dois valores, dentre tantos, que são relevantes no Guareschi: a simplicidade e a amorosidade. Mesmo sendo "Ph deus", ele tem uma vida simples. E isso se repete em suas palestras, livros e prática cotidiana. É impressionante como ele consegue, na simplicidade, ser profundo e teórico. Faz uma comunicação responsável e ética, que transmite com

simplicidade suas ideias e crenças. O segundo valor está muito ligado ao primeiro, pois essa humildade se deve a amorosidade existente na pessoa do Pedrinho, valor que faz dele uma pessoa acolhedora, confiante e de fé. Aliás, fé é um sentimento que ele tem muito, pois não esconde sua vocação de vida e seu compromisso com aquele que, sendo tão grande, se fez pequeno para estar com os pequenos.

Creio, portanto, que esse é o tempo da graça, o *Kairós*, tempo em que se festeja mais um ano de vida, de uma vida dedicada aos outros e a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Figuras como essa fazem de nossa comunidade um lugar melhor para viver e nos ajudam a ter mais responsabilidade e principalmente esperança. Portanto, parabéns e saúde ao mestre de tantos, que com amorosidade, esperança e fé é companheiro de muitos.

**Maiko Deffaveri**

Duas coisas trago do professor Pedrinho, para o meu currículo e para vida: ter participado de uma das suas várias e incansáveis publicações editoriais; e ter tido o privilégio, ao lado de meus colegas de formatura, de vê-lo rezando a nossa missa de conclusão de curso na PUC.

Nesta ocasião, no final, quando lhe cumprimentei e o parabenizei por suas palavras certeiras e nada convencionais para um evento religioso, informei-lhe que estava trabalhando na RBS.

Ele me olhou entre constrangido e meio sem jeito e disse: - tomara que eles não te estraguem! Imagino que ficará feliz hoje ao saber que larguei o jornalismo para fazer o mestrado em História. Sim, professor, quero ir para a sala de aula como o senhor; pretendo passar aos meus alunos a mesma emoção e vontade de viver que sempre correu tão forte em suas veias.

Parabéns!!!

**Marcelo Parker**

O que tenho de mais valioso hoje em minha vida, penso ter aprendido com essa pessoa "gigante", chamada "Pedrinho". É o que o poeta Manoel de Barros chama de "os deslimites da palavra".

Aprendi que temos a possibilidade de inaugurar novos significados e desacostumar as palavras de seus "lugares mesmos". Agora eu tento espiar melhor as coisas...

Abraço terno,

**Márcia Pedroso**

# Pedrinho,

Nos teus 70 anos, te desejamos toda paz e todo o bem. Saiba que te amamos muito e que queremos que vivas por muito tempo ao nosso lado. Para que isso aconteça, vamos te lembrar, novamente, que precisas te cuidar direitinho e ouvir as nossas recomendações. Para finalizar esta pequena mensagem, vai aqui uma linda poesia sobre o que ensinas para nós com a tua presença, o teu diálogo e a tua amizade:

Tive um chão (mas já faz tempo)
Todo feito de certezas tão duras como lajedos.
Agora (o tempo é que fez)
Tenho um caminho de barro
Umedecido de dúvidas
Mas, nele (devagar vou)
Me cresce funda a certeza
De que vale a pena o amor (Thiago de Mello)

Com amor e carinho, parabéns pelo teu aniversário...

**Maria, Hilda e Cristiane**

Tarefa difícil essa de escrever para o Pedrinho e sobre o Pedrinho. Não por faltarem coisas a dizer para ele ou sobre ele, mas difícil porque quando uma pessoa significa muito para nós, fica complicado de descrever aquilo que sentimos e o que aprendemos na relação com ela. Aqui então vai uma tentativa.

O Pedrinho foi meu professor de Psicologia Social na faculdade e pouco depois meu orientador no grupo de pesquisa na PUCRS. Posso dizer que naquele grupo, fiz uma faculdade à parte de toda a faculdade de psicologia. Tenho certeza que o aprendizado que tive e a profissional que sou – ainda iniciante, claro – se devem a este querido professor e também ao excelente grupo de pesquisa. O respeito ao saber do outro e a empatia que tanto a Psicologia preza aprendi a valorizar com a Psicologia Social. O gosto pela pesquisa também foram tomando forma.

Sinto saudade da convivência diária com o Pedrinho, apesar do contato não ter se perdido. Lembro com muito carinho também das valiosas conversas no grupo. As piadas, o mate – que eu quase nunca tomava, é verdade –, as aulas e palestras em Power Point que toda semana precisava fazer, as comemorações de aniversário e fim de ano, os seminários, as visitas da Neuza na sala do grupo, sempre com alguma novidade, os livros, o grupo de leitura, a monitoria das aulas para a graduação. Era tudo muito bom!

Conheço poucas pessoas como o Pedrinho: coerente, inteligente, verdadeiro, corajoso, espontâneo, obstinado e com um amor à vida tão grande. Admito muito esse conhecimento e esse jeito de viver! Pessoas assim, nunca perdem a importância na nossa vida e me sinto muito feliz de poder fazer parte desta data tão especial, que é teu aniversário de 70 anos, Pedrinho!

De coração, muitas felicidades!

**Mariane Hartmann**

Lembro que cheguei, em meados dos anos 90, no velho prédio 17 da PUC, onde fiz a graduação em psicologia; procurei o gabinete do Prof. Pedrinho Guareschi, que eu conhecia pelos livros que escrevia. Era um gabinete minúsculo, naquela época, e abarrotado de livros e teses. Entrei em contato com o trabalho dele anos antes, na disciplina de psicologia do trabalho, ministrada pela Sandra Jovchelovitch, então uma guria de 27 anos (mas já incrivelmente talentosa, dava aulas fantásticas). O admirava muito, desde ali. Conversei então com ele, pedindo que me orientasse no mestrado; ele respondeu que já tinha muitos orientandos, que a Marlene quem sabe poderia... Mas não desisti e aí falei da minha mãe, que ele conhecia, dos anos de PUC, do meu interesse pelo tema do trabalho, fomos conversando e descobrindo afinidades e... ele me aceitou como orientanda. Foram, a partir dali, 6 anos seguidos de mestrado e doutorado, mais um depois participando semanalmente do grupo.

Pedrinho me ensinou muita coisa. Ele é engraçado, inteligente, esperto, bondoso, carismático, e muito "figuraça". É adorável a maior parte do tempo, mas as vezes ficava uma fera com os bolsistas de IC, que eu tinha de defender. Passei anos da minha vida indo trabalhar, quase que diariamente, já no prédio 11, na sala do grupo (agora bem maior mas ainda abarrotada de livros). Quantos litros de chimarrão isso significa? Sei lá, alguns milhares. E com aquela erva defumada do Hélio, então, nossa... que saudade.

Eu o considero um segundo pai. E a Neuza foi a nossa "tia" que, quando ele viajou pro pós doc e em muitas outras ocasiões, também nos ensinou muito e ambos contribuíram enormemente para a minha formação e a de outros/as inúmeros/as colegas. Quantos "irmãos e irmãs", "primos e primas", quantas amizades. O "grupo do Pedrinho" é uma instituição quase total na vida de quem participa dele, só que num bom sentido. Apoio total, troca cultural/intelectual total, troca afetiva total, pouquíssima briga e pouco stress, comparando com outros contextos semelhantes. Só o que é inevitável enquanto definidor do humano, as pequenas contradições, ambiguidades e ambivalências de sempre, que no entanto não pesavam diante de tanta coisa boa. Teses e dissertações de sucesso, novas

experiências profissionais, as "roubadas" que o Pedrinho nos botava: dar aula pra ele em Frederico Westphalen num ônibus horroroso, apresentar trabalhos em congressos longínquos e de difícil acesso etc, e teve também as grandes viagens, sanduíches em Cuba e Coimbra... E os memoráveis aniversários do Pedrinho (o 1º que fui ele tava fazendo 57 anos, se não me engano, e lembro que no de 60 ele ficou repetindo a festa toda que agora estava "sexy", ou melhor, "sexagenário"). De vez em quando a vida nos pregou peças, algumas muito duras, como em 2005; as dores do navegar. Todos as têm, por que conosco seria diferente?

Mas enfim, o grande, inesquecível Pedrinho Guareschi, essa lenda viva, por alguns anos pai, amigo, (*des*)orientador, amoroso do seu jeito, ficará sempre com a gente, pois marca indelevelmente a vida de todos que têm contato com ele.

Feliz aniversário, eterno mestre, e que ainda possamos comemorar muitos outros, com os vinhos Pinot e Shiraz que eu adoro e os quitutes da Neusa.

Grande abraço e beijo com muito carinho

**Marília**

# Professor Pedrinho Guareschi
# Happy Birthday

Our ways crossed in the early 1990s. I had just finished my PhD working as a Post-Doc Researcher at the Science Museum in London, and was madly in love with Sandra who was your student. It was a turning point in my life. For years we enjoyed your company in London when you returned from your annual pilgrimage to Sanctissima Roma. Your intellectual and human generosity opened a Brazilian angle for my academic career with 'Texts in Social Representations' (1994), the translation of Qualitative Researching (2002) and the CNPq Fellowship in 2002, and many teaching engagements over the years. It is great to have family in Brazil, but to know the place you have to labour.

I will always remember that buzzing office at PUC-RS on the 9th floor, stacked full with books of that explosive mixture of theology and social science, much coming and going, students working on computers, others sitting around a table, chimarando and engaging discussions. It took me years to understand what was going on in this place. And certainly a lot did go on: inspiration, motivation, instruction, in any case life enhancing for a student with an open mind, year after year.

Your work towards a Psychology of Liberation was inspirational and inspired by your religious commitment to community building at the fringes of Brazilian society. It was the basis for a critical reflection of traditional social psychology, imported on a North American model.

Your critique of the functionalist logic of development and communication went to the very foundation of theory and practice. And we had the honour at the London School of Economics (LSE), when we started our Post-Graduate Programme in Communication in 2004, to count you as one of our teaching staff. For several years you introduced us to Paulo Freire's dialogical critique of extension and diffusion. The only

thing which we needed to restrain you, were those politically very incorrect Gaucho jokes.

But crucially, for you 'critical' is more than an attitude, it requires competence; hence your preoccupation with research methodology. It reminds me of the philosopher Ortega y Gasset who once said, slightly varied for the present occasion, 'a good social psychologist is more than just a social psychologist': he or she combines the competence to establish the facts with an ethos of liberation.

Have a great jubilee, and many years of good health in body and mind. God protect you!

**Martin W. Bauer**

Professor of Social Psychology and Research Methodology
Institute of Social Psychology and Methodology Institute,
London School of Economics
London, June 2010

# Você ajudou a escrever a história do Mundo Jovem

Em outubro de 1975 você escreveu *A educação está comprometida com o meio*. Foi a primeira das 98 matérias suas publicadas no Mundo Jovem. Com aquela linguagem simples, coloquial, didática – própria de quem sabe muito – você já nos provocou e desafiou nos mais diversos assuntos.

Além da participação em inúmeras obras, o Mundo Jovem publicou dois livros seus. O primeiro, *Sociologia crítica – alternativas de mudança*, sacode a gente e desperta para olhar nossa sociedade assim como ela é; o que há escondido e velado e como podemos entender o que acontece à nossa volta. É um guia seguro para quem não quer se acomodar. Não é por nada que já foram impressos 200 mil exemplares.

O segundo livro, *Psicologia Social crítica – como prática de libertação*, é uma obra profética. Fundamenta a esperança de quem tem fé num outro mundo possível e propõe os passos para o viver pessoal, da comunidade e da sociedade. O que fazer? Como fazer? Está ali.

A linha editorial do Mundo Jovem, não por acaso, se identifica com estas duas obras. Identifica-se também com sua luta, seu debate, seu empenho por uma comunicação verdadeira, interativa, dialógica.

Pedrinho, obrigado pelo apoio, pela sabedoria que buscamos em você nos momentos críticos do jornal, pelo exemplo de humildade, pela vivência de comunicação. Assim, vale a pena viver.

Parabéns a você!

**Mundo Jovem**

# Do Pedrinho, sobre Pedrinho e com Pedrinho...

Embora irmã do Pedrinho, ele o quinto da família e eu a décima primeira, o vi pela primeira vez, pessoalmente, quando tinha 9 anos. Aquela sensação de conhecer um irmão "tão tarde na vida", situação incomum por se tratar de irmão, ficou em mim por muito tempo, pois para uma família italiana, católica-apostólica-romana, ter um padre na família era algo de muita importância, honra, destaque, reconhecimento e orgulho. Porém, as sensações sobre Pedrinho foram mudando ao longo dos anos...

Como já referi na gravação do vídeo, quando falei "o que tenho a dizer do Pedrinho", posso dizer que ao longo dos anos minha relação com ele foi se tornando um tanto paradoxal... Não porque esta relação tenha tido altos e baixos em termos de afeto (o que não estou dizendo que não tenha ocorrido), mas pelas diferentes, quem sabe plurais, configurações que nossa relação tem tomado ao longo do tempo. E, também, porque estas configurações não aconteceram (ou acontecem) de um modo linear no sentido cronológico e, assim, uma dada configuração não tenha necessariamente que deixar de existir para que tenha outra. Ainda, a coexistência de algumas configurações, que são constantemente alternadas por outras, depende do momento, situação e contexto.

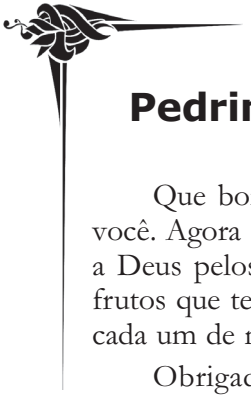
Também, pode-se dizer que não é nem o meu amadurecimento pessoal e profissional nem a maior experiência ou sabedoria dele que faz com que algumas dessas configurações desapareçam para sempre, sempre tem as coisas de irmão, de irmão homem, de irmão padre, de irmão professor, de irmão colega de trabalho, de companheiro de luta política, entre outras. Ou seja, as relações fraternais, paternais e maternais, de amizade, profissionais e de dependências simbólicas e reais coexistem mutuamente.

Pedrinho como mestre, conselheiro, colega, amigo, companheiro, esclarecedor, confuso, carente, alegre, otimista, divertido, persistente, às vezes teimoso e às vezes contraditório

e chato é complicado para todos e, para mim um pouquinho mais... mas certamente a oportunidade de ter esta experiência única só me fez crescer.

Beijos Pedrinho

**Neuza Guareschi**



## Pedrinho, meu santinho!

Que bom ter o privilégio de conviver com você. Agora é o momento de nós agradecer-mos a Deus pelos seus 70 anos e de você colher os frutos que tens plantado na vida e na história de cada um de nós.

Obrigado pelas provocações que nos faz despertar para sermos seres mais, e entendermos as "sacadas" da vida.

Saúde, Paz e Solidariedade!

**Odete Machado**

# Meu mestre e companheiro Pe. Pedrinho Guareschi

A construção de uma sociedade fraterna reclama de cada um (a) e de todos (as) nós uma paciência impaciente, irmã da fraternidade que não se conforma com as injustiças. Nos teus 70 anos tu és um exemplo de militante dessa causa. As luzes que tua prática, reflexão e escritos têm direcionado à democratização dos meios de comunicação iluminam um caminho onde o ser humano se comunicará com os outros e consigo mesmo de forma holística criativa, criadora e solidária.

Um abraço, felicidades, longa vida e boa luta!

**Olívio Dutra**

# Pedrinho A. Guareschi: Amigo e Irmão

A figura do Padre Pedrinho A. Guareschi compreende várias facetas. A primeira, a do homem religioso, sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentor, popularmente conhecida como a dos Padres Redentoristas, fundador Santo Afonso Maria de Ligório, no ano de 1732, para levar a Boa Nova aos pobres abandonados.

A sua missão é dedicar-se à pregação junto ao povo para levá-lo ao engajamento em torno de Jesus Cristo, o Redentor. No Brasil, essa Ordem tem sob a sua responsabilidade a divulgação do Culto a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, além de ensinar a partir do Estado de São Paulo, através da Estação de Rádio e do Canal de Televisão Aparecida, posturas éticas e ações cristãs.

Guareschi, com o seu zelo apostólico representa a doação de um homem à causa do Evangelho, cuja preocupação é com os grupos menos favorecidos, para que descubram a sua dignidade de ser humano e se realizem como pessoas. Para tanto, defende que todas as famílias, de modo especial as mais carentes, tenham um emprego, uma casa para morar, uma assistência médica estatal eficiente e uma escola pública de boa qualidade para os filhos. Concretamente, significa colocar-se ao lado dos pobres e oprimidos.

O amor de Guareschi aos estudos, à pesquisa, o tornou conhecido no Brasil e no exterior. Por seu trabalho como professor, nos cursos de graduação e pós-graduação, é considerado um Mestre diferenciado, estimado e procurado pelos alunos que necessitam de sua orientação para terminar os seus estudos.

Falar de suas publicações e textos no Brasil e exterior significa lembrar uma variedade de livros, com destaque para àquele que teve a maior tiragem nacional (não divulgada pela imprensa) **Sociologia Crítica – alternativas de mudança** – uma publicação do Jornal Mundo Jovem, 62 Edições. O título e

conteúdo representam o convite para que mais brasileiros se engajem na luta pela transformação da sociedade. Tive a alegria de examinar a primeira edição, 1984, e compartilhei de sua sabedoria na publicação, em conjunto, de outras obras.

Professor Guareschi nada teme. O seu compromisso é trabalhar no sentido de despertar consciências, inserindo mais pessoas a serviço das mudanças econômicas e sociais, levando mais multiplicadores, contribuindo no despertar da consciência crítica, a fim de que todos tenham Vida e Vida em Abundância, como assinala o próprio Evangelho.

No aniversário dos seus 70 anos, a lembrança do seu passado é um incentivo para ele e os seus seguidores, para juntos continuarmos a luta pela justiça, correção das desigualdades e uma leitura mais crítica da mídia escrita e eletrônica, que envolve a todos. E, muitas vezes, sem perceber somos conduzidos para uma vida só de consumo, quando ela representa muito mais.

**Osvaldo Biz**

Lembro de ouvir falar de Pedrinho Guareschi pela primeira vez quando entrei na Congregação Redentorista, da qual ele tem orgulho de falar que pertence, em 2001. Até então, para mim, não passava de um "simples padre".

Cresci em Joinville, na Santa e Bela Catarina, e tive como experiência de fé as Comunidades Eclesiais de Base – CEB's. Não sei se por falta de interesse ou não divulgação de seus irmãos de Congregação, no primeiro ano de seminário não tive contato com nenhuma de suas obras. Nas férias, em Joinville, encontrei na estante de um amigo um livro com o título: "Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina". Numa tarde o li todo. Naquele momento comecei a pensar que mais do que uma reflexão teórica, era importante uma prática de amor e solidariedade para com os marginalizados, excluídos, pobres, como pedia o carisma do Fundador dos Redentoristas Santo Afonso Maria de Liguori. Para mim, isso se revelava como a Igreja sendo um sinal de esperança no mundo. Remetia-me as minhas experiências de CEB's na minha comunidade Natal. Imagina o que não pensei depois ao ler "Sociologia Crítica", "a menina dos olhos do Pedrinho!"

As constituições dos redentoristas dizem que ser redentorista é evangelizar os pobres. Mas o Pedrinho, com seus escritos, vai, no meu entendimento, à raiz dos problemas que coloco com um questionamento: "Quem evangeliza aqueles que fazem dos pobres, serem pobres?" Escutei, e não poucas vezes, dizerem que Pedrinho não era um Missionário porque não fez missão durante sua vida toda, mas ficou na Universidade dando aula para os ricos. Uma prova de que a vida do Pedrinho foi uma Missão plenamente redentorista está nos seus escritos, que falam e defendem os pobres.

Um outro momento que recordo foi quando fui a primeira vez, em 2005, ao Campus Central da PUCRS, para mim uma cidade dentro de outra cidade. Eu já cursava Filosofia no Campus PUCRS-Viamão e fui ao Campus Central somente para conhecer a Sala do "Professor Dr. Pedrinho" e ver onde ele se escondia, porque em casa era difícil encontrá-lo; ao perguntar para um dos seguranças da PUCRS onde ficava o Prédio que trabalhava

o "Professor Dr. Pedrinho", por um momento ele ficou sem saber responder, quando falei seu sobrenome o segurança com um sorriso exclamou: "Ah! O Padre Pedrinho". Mais uma vez ficou claro que mais que títulos o que conta é a virtude, a alegria, o desprendimento, acima de tudo o amor para com as pessoas. Santo Afonso dizia que "devemos ser o amor que irradia amor" e Pedrinho sabe ter essa virtude para com as pessoas. Um autor só é lido quando consegue estabelecer um elo com as ânsias e as necessidades das pessoas. Basta ser sincero e honrar a realidade assim como ela se apresenta e não escamoteá-la, adoçá-la ou distorcê-la. Pedrinho tem uma profunda honradez com a realidade. E também descobri: continua sendo um "simples padre".

Ao deixar a PUCRS muitos acharam que realmente iria se aposentar, mas como diz o Livro Sagrado "investigar e explorar é a tarefa ingrata que Deus impôs aos seres humanos (Ecl 1,13). Tarefa ingrata porque nunca está pronta e acabada. Sempre de novo deve ser retomada para que nos brinde com novas janelas pelas quais vemos diferentemente a realidade. E Pedrinho continua nos brindando.

Conviver com Pedrinho é uma honra e uma alegria.

PARABÉNS PROFESSOR, QUE MESMO ABORDANDO MUITOS TEMAS E INVADINDO MUITOS CAMPOS DO SABER, NUNCA SE ESQUECEU DOS POBRES.

**Paulo de Lima**

# Estimado Pe. Pedrinho!

Com surpresa foi-me solicitado escrever sobre pontos da tua vida que eu estimo muito. Senti-me orgulhoso e frágil demais para esta tarefa, mas vou tentar.

Como seminarista que fui, no inicio dos anos 1970, o teu nome era comentado com muita frequência no Seminário e com um tom de muita importância para a Congregação Redentorista. Já eras Padre, e estavas em estudos, acredito que, fora do país. Um Padre que estava estudando para ser doutor, fora do Brasil e que era nascido em Colorado - RS.

Com o Espírito Missionário de Redentorista que tens, incansável, despojado, desprendido, nos serves de exemplo, porque és solicitado nos mais diversos pontos do mundo para transmitir o teu pensamento, a tua cultura e provocar reflexões. E, fazes estas viagens, que são cansativas, sem prejudicar as tarefas assumidas e agendadas, mesmo que sem dormir.

Como és um Líder ativo e estás sempre no meio do povo mais necessitado, é com a linguagem deste povo que te vejo pregando a Teologia da Libertação, aplicando a Pedagogia que liberta, enaltecendo os sofridos e pobres, tendo como referência a Pedagogia do Oprimido, e construindo uma Psicologia Social Crítica, que contribui para a construção de uma vida digna, pautada pela ética e moral, convencendo e mostrando direções que levam a acreditar em dias melhores e mais agradáveis para os mais sofridos.

Nunca tive a felicidade de ser um orientando seu na pastoral, mas tenho a satisfação de ser convidado com frequência, para ajudar em algumas tarefas de animação em celebrações e festividades que coordenas.

Da mesma forma como és atuante no meio dos bairros mais pobres, de modo especial em Porto Alegre, também o fazes na tua catequese dos Galpões, onde com um linguajar bem campeiro, consegues transmitir o teu pensamento, cativando gaúchos, prendas e peões. É assim quando rezas a Missa Crioula de tua preferência, escrita pelo nosso saudoso Padre Paulo Aripe,

debaixo de uma figueira, no Parque da Harmonia, no pátio de uma faculdade, para as crianças em algum Colégio, dentro das Igrejas ornamentadas com símbolos da tradição do estado gaúcho, dentre outros lugares bonitos para uma reza; mas, o mais importante de todos os lugares, é a Estância de São Pedro de Gravataí, onde ocorre um encontro anual, por ocasião da passagem do teu natalício, para cantar e rezar no linguajar campeiro. Não exagero, mas quando celebras a Missa Crioula, o teu semblante muda e sentimos que o teu coração pulsa com tanto entusiasmo, como que saindo do teu peito para pulsar dentro de cada um de nós que acompanhamos a tua oração. Com certeza, a gauchada fica embebida do teu tradicionalismo, da tua cultura, da tua linguagem convincente e agradável de ouvir.

Pedrinho, quando celebras esta Missa, o "Patrão Velho lá de riba", sempre se sente honrado, porque ergues a tua fervorosa prece, lembrando chimangos e maragatos junto com o cálice da tradição, feita de guampa de boi, dando assim um sentido todo especial para esta oração.

Importante também é que sempre lembras do Negrinho do Pastoreio e do Sepé Tiarajú.

Esta é uma ocasião que eu teria muito a escrever, mas paro por aqui.

Quero te dar um abraço bem "chinchado" e contigo agradecer ao "Patrão Velho" estes teus 70 anos de feliz "campereada neste campo da tua existência".

Parabéns Padre Pedrinho!

Do teu amigo **Cadão**
(Ricardo Albino Rambo)

O meu encontro com o Pedrinho Guareschi foi algo diferente em minha vida. A história começa no inicio da minha graduação na PUCRS em 2006.

Um dia quando estava com a tarde livre decidi pegar alguns livros na biblioteca. Fiquei lá na biblioteca procurando alguns títulos que me interessassem (na época eu queria ler algo de psicologia social, sociologia e filosofia). Nas estantes de psicologia social um título chamou minha atenção: "Psicologia Social Crítica". Pensei comigo: "*Psicologia social é interessante, que dirá crítica!"*. A palavra "Crítica" realmente chamou minha atenção. Continuei pegando alguns livros e nas estantes de Sociologia encontrei o título: "Sociologia Crítica". Pensei: *"Que interessante! mais um título com a palavra Crítica, que sorte a minha!"* Aluguei os livros e quando cheguei em casa para olhá-los com mais atenção, percebi para minha grande decepção, que os livros Psicologia Social Crítica e Sociologia Crítica eram do mesmo autor e então pensei: *"Poxa que pena, pois nesse inicio de graduação não estou muito afim de ficar lendo o mesmo autor. Gostaria de ler autores diferentes! Vou ler só um desses então. Qual será que leio?"*, então fui dar uma olhada mais a fundo nos livros quando fiquei ainda mais decepcionada: *"Putz! O autor é padre! Como pode ele querer ser crítico? Aff! Aposto que ele vai ficar escrevendo dogmatismos. Nem sei se vou ler isso"*. Folhei os livros e me pareceram realmente muito interessantes. Valia a pena dar uma chance!

Após ler o primeiro livro não tive qualquer dúvida em ler o segundo. O autor me surpreendeu muito. Como seria bom poder trocar ideias com um autor assim, mas infelizmente é muito difícil conhecer um autor que esteja vivo. Ou já não vivem ou estão longe demais, é sempre assim!

Li os livros e passei a usá-los como referência de meus trabalhos, mas minhas ganas por poder conversar com o autor logo foram esquecidas pelo meu pessimismo. Os meses passaram (talvez uns 3 meses) quando um dia, por pura curiosidade, caminhava nos corredores da pós-graduação da minha faculdade e de repente me deparei com o nome em uma das portas: Dr. Pedrinho Guareschi. E então pensei: *"Caramba! Caramba! Caramba!!! Eu não acredito!!! Ele é vivo! E ele é de Porto Alegre! E ele*

*é de minha Universidade! E tem um grupo de pesquisa justo no prédio em que estudo!!!!".*

Não posso descrever com palavras a minha felicidade, foi algo indizível. Senti-me muito privilegiada! Precisava falar com ele! Mas naquela hora estava tão emocionada que não me senti segura e fugi dali.

Passado alguns dias, estava eu em uma aula chata em que era para fazer um trabalho crítico sobre educação, mas meus colegas não queriam nada com nada, só falavam futilidades, as mais bizarras futilidades. Sentia-me morrendo um pouco ali, então decidi dar uma escapada e ir lá visitar o tal Pedrinho Guareschi. Será que ele estaria lá? Será que ele me receberia?

Chegando lá, o Pedrinho estava ocupado escrevendo algo em seu computador, mas mesmo assim me recebeu. Ficamos conversando por umas 2 horas. Pedrinho me contou dos tempos da ditadura, de quando precisou sair do Brasil, do tempo em que morou em uma região popular de nossa cidade, falou de Paulo Freire, entre muitas outras coisas. Na despedida Pedrinho me deu o livro Psicologia Social Crítica autografado e agradeceu minha visita.

Fiquei muito feliz por ver no Pedrinho uma pessoa muito humilde e acessível mesmo sendo uma pessoa renomada internacionalmente.

Posteriormente descobri que já faz alguns anos que Pedrinho Guareschi mantém um grupo de leitura com seus estudantes de pós graduação e bolsistas de Iniciação Cientifica. Mesmo eu não sendo isso ou aquilo, decidi pedir para participar do grupo. O máximo que eu poderia receber é um Não. Tamanha foi minha surpresa quando Pedrinho aceitou meu pedido e fui recebida no grupo com muito carinho por todos.

Nesses 3 anos que tenho acompanhado o Grupo de Leitura, além da possibilidade de ler livros maravilhosos que só vim a conhecer graças a ele, o grupo  também é um lugar com muitas discussões enriquecedoras em que todos tem voz e vez. Não importa de onde a gente venha e quem a gente seja, somos escutados com o respeito que qualquer ser humano merece. E dizer isso parece algo óbvio, como se fosse regra em qualquer

lugar, mas a verdade é que das experiências que estou tendo, na maioria dos outros lugares existe uma hierarquia cruel, surda para aqueles na qual ela se apóia. Já no Grupo de Leitura a relação é outra e isso se dá muito em parte pela própria postura do Pedrinho que é o coordenador do grupo e que tem uma postura de humildade e receptiva. As terças-feiras à tarde se tornaram um momento sagrado da minha semana. E fico muito triste quando porventura não posso estar junto com todos. Mais do que um lugar de estudos e de construções teóricas o Grupo de Leitura é um espaço de encontro, de amizade e de trocas afetivas regadas a chimarrão.

> "Pedrinho muito obrigada por ter me aceitado no grupo de leitura. Obrigada por suportar meus e-mails revoltados e mesmo assim dialogar com eles com tanto carinho e compreensão. Obrigada por ter me apresentado a Teologia da Libertação possibilitando eu acreditar novamente no Cristianismo que sempre acreditei, mas que não via mais como possibilidade dentro das religiões. E obrigada por apresentar e possibilitar um espaço de trocas em que outros modos de se relacionar são possíveis."

Abraços com muito Carinho e Liberdade

**Samantha Torres**

# Pedrinho, meu querido!

Para mim é um grande privilégio celebrar tua vida, tua presença e tua luz. Teus 70 anos são uma benção e uma grande alegria para todos nós. São muitas as tuas comunidades e as tuas redes, tuas andanças pelo planeta e pela tarefa árdua de aliviar a miséria do mundo. São muitos os teus encontros e tuas travessias, tua capacidade infinita para reclamar, registrar e duvidar das fissuras do cotidiano e daqueles que as sustentam. São muitas as tuas graças, espalhando a imaginação dialógica e o poder verdadeiro que vem do reconhecimento e da força do tecido social.

Eu te conheci já há muitos anos, nos idos dos anos 1980, no período em que comecei o mestrado, na verdade acho que até antes. Mas nos conhecemos mesmo no mestrado, naquela sala cheia de livros no Champagnat, onde eu, a Neuza, o Marcos, a Helena e tantos outros nos reuníamos pra fazer as leituras do Marx, do Bakhtin, da Sílvia Lane. Contigo iniciamos as primeiras leituras e os primeiros passos na construção da Psicologia Social Crítica com que sonhávamos. Contigo começamos a pensar como é que iríamos mudar a Psicologia, e com ela, mudar o mundo.

Continuastes a ser fonte de inspiração e orientação para psicólogos, sociólogos, educadores e tantos outros no Brasil, na America Latina e no mundo. E isso não apenas pela qualidade imensa de teu trabalho e dedicação às gerações de estudantes que ajudastes a formar. Mas também, e talvez principalmente, porque sempre fostes a antítese do intelectual preso a uma torre de marfim. Teu compromisso com a realidade do mundo foi e continua a ser tua marca fundamental. Teu foco sempre foi no colocar questões ao invés de produzir respostas. Na melhor tradição da maiêutica socrática contigo aprendemos a prestar atenção aqueles muitos territórios em que o sofrimento humano advém da injustiça e da desigualdade, a escutar a experiência que emerge da exclusão e da dura disciplina dos despossuídos. E tudo isso nos destes sem perder de vista a mais brasileira das emoções, a esperança.

Ao longo desses anos todos, nossa amizade só cresceu e confesso que nunca serei capaz de descrever com palavras o quanto sou grata e o quanto aprendi e aprendo contigo. Não são apenas teus livros que nos ensinam; tua vida e teu exemplo, cristalizados em tua ação, são as fontes que mais nos ensinam.

Que tua vida siga brilhando sempre, cada vez mais e que sigas assim para sempre: uma estrela que nos ilumina, uma força para o bem, que melhora a nossa vida e toda a condição humana. Mesmo longe, estou sempre perto de ti, e tu estás sempre no meu coração.

Um beijo muito grande, com muito amor e carinho,

*Sandra*

Londres, junho de 2010.

# Meu querido professor Pedrinho Guareschi

Setenta anos de idade, um jovem ainda, um jovem lutador, um jovem professor, um jovem militante, militante em favor da igualdade, da liberdade e da justiça. Um dos grandes acadêmicos deste país, que enfrentou ao longo da sua vida os temas mais complexos que atravessam hoje o imaginário da intelectualidade brasileira e as questões relacionadas com a academia. Por exemplo, a questão do poder da mídia e a desigualdade que ela gera com as informações manipuladas; as grandes questões ideológicas do nosso tempo que vertem sobre os aparatos de dominação política, de desinformação e também de informação na sociedade em que vivemos.

Pedrinho Guareschi, embora a gente não tenha um convívio cotidiano contigo, e a gente se encontra até pontualmente, é bom que tu saibas que és uma referência para todas as pessoas que querem uma sociedade mais justa, um Brasil mais humano, sobretudo um Brasil em que os oprimidos tenham redimida a sua situação de vida e a sua situação de dominados.

Pedrinho, recebe um abraço muito fraterno, muito respeitoso e muito afetivo desse teu admirador e desse teu companheiro de jornada nesta vida em luta por uma sociedade mais libertária, mais igualitária e mais fraterna.

Que tu tenhas mais uns 70 anos ainda para adiante para nos ajudar como tu tens feito até agora!

**Tarso Genro**

O Pedrinho é uma criatura muito especial. Não apenas para mim, mas para todos aqueles que têm a oportunidade de estar com ele. Não vou falar de sua genialidade, do brilhantismo com que escreve ou leciona. Vou falar do seu coração: dos maiores já vistos! Não à toa o Pedrinho tem sempre muita gente à sua volta, pois tem uma capacidade inigualável de agregar afetos.

Uma pessoa justa, que luta pela igualdade e pela liberdade das formas de existência com muito carinho e compaixão. O Pedrinho é pra lá de especial: quem convive nunca esquece.

Com ele vivi momentos importantes, alguns muito felizes, outros muito tristes. Mas nunca me senti sozinha. Com ele aprendi o que é psicologia, aprendi a "botar os pés no barro", aprendi a aprender. Saudade de quando convivíamos diariamente... e foram alguns anos! Mesmo longe, carrego comigo sempre um pouco de Pedrinho. Aliás, acho que nós todos – que o temos como mestre – somos formados por uma dose de Pedrinho: está na nossa carne, nos constitui!! Te amo, mestre!!

**Thaiani Farias Vinadé**

# PEDRINHO!

Fui aluna de Pedrinho Guareschi no Curso de Ciências Sociais na PUCRS, em 1974, ano em que conclui o Curso!

Período difícil para quem tem definida uma posição crítica e de luta como Guareschi. Afinal, vivia-se uma realidade, em que a censura era latente, sobretudo nos cursos das Humanas. E é claro, nas Sociais, a vigilância era maior. Interessante que Pedrinho, com maestria trabalhava a Sociologia com sutileza. Ao bom entendedor, uma palavra bastava. E nisso tínhamos que sacar. Quem apreendia a mensagem, levava a melhor. Entrava num túnel onde se via luz ao seu fundo. E foi o que consegui ver, perceber e, sobretudo, com ele, suas fala e provocações, abriram-se meus horizontes para a consciência do social, do coletivo e do compromisso com a transformação da realidade. Assim, devagar, através de suas aulas expositivas e reflexivas, ele acordou mentes e ofereceu a possibilidade da tessitura do devir, do vir a ser pautado na esperança.

Anos passados, já no exercício do magistério, os seus artigos no jornal Mundo Jovem foram meu Pronto Socorro nas aulas de OSPB, e mesmo nas de Educação Moral e Cívica. Como transformar minha aula em laboratório de reflexão e de entendimento do mundo? Era meu grande desafio, diante das inquietações lançadas pelo mestre! Salve, salve aos artigos do Pedrinho, a cada número publicados no jornal da PUCRS, que traziam alento e força para dar o recado e trabalhar as consciências dos jovens que cotidianamente abordava!

Posso afirmar que fundamentada na bagagem intelectual e humana de Pedrinho Guareschi, ao me aposentar da Escola Pública, em 1993, tive o sentimento de dever cumprido. A mensagem fora dada, lastreada por suas lições.

Na Universidade, o rumo não foi diferente. Como professora da FAPA, desde 1985, quando a abertura política engatinhava, o fortalecimento de convicções pelo mestre plantado, se consolidou e tem lastreado a minha trajetória de vida.

Sem dúvida, homenageá-lo é conjugar o verbo reconhecer. É o mínimo que se pode fazer a quem muito deu de si para o social e por um mundo melhor, mais justo e igualitário.

Deo gratias! Salut!

**Véra Lucia Maciel Barroso**

# "Pedrinho, simplesmente Pedrinho"[1]

Em meio a um turbilhão de imagens, textos, entrevistas, gravações, anotações e muitas outras coisas, subitamente me dei conta de que não tinha escrito uma mensagem de modo mais individual ao Pedrinho.

Na verdade, nem sei o que escrever! Acho que vou me arriscar a fazer uma possível consideração final, já que me encontro numa situação privilegiada de ter lido todos os depoimentos contidos nesse livro.

Gostaria de destacar algumas impressões que o Pedrinho causa em mim e que tem marcado muito minha existência. Muitas destas impressões já foram destacadas aqui, mas faço questão de repetir algumas.

Tenho a ousadia de afirmar que tudo o que foi escrito aqui é VERDADE. De fato, nem preciso fazer tal afirmação, basta ler todos os "capítulos" para perceber semelhantes qualidades atribuídas a uma mesma pessoa. Além disso, os testemunhos da própria vida de Pedrinho, o revelam um pastor, profeta, educador, um mestre e um autêntico discípulo de Santo Afonso Maria de Liguori no seu zelo pelas pessoas.

[1] Quando nos conhecemos pessoalmente, eu perguntei como poderia chamá-lo: professor, doutor ou padre, e ele respondeu a frase em destaque.

A característica que considero mais marcante no Pedrinho é a sua ação dialógica, e entendo essa ação dialógica a partir das palavras de Freire e Shor:

> O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. (...) o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais criticamente comunicativos. (...) O diálogo *sela* o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade (Medo e Ousadia, 1986, pp. 122-123).

Pedrinho! Parabéns pelo teu aniversário! Mais parabéns ainda por tua vida ser um grande motivo de celebração!

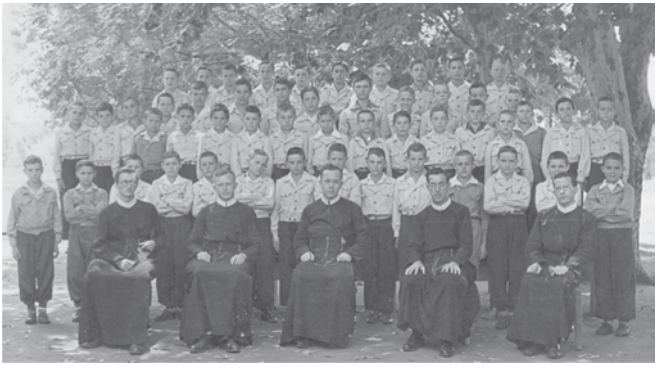
Obrigado pela amizade e pela aventura criadora do aprender!

**Marcos Santos**

# Anexo I
# **FOTOS**

Família Guareschi

Grupo Escolar Rural, Linha Garibaldi - Colorado, 1948



Seminário Menino Jesus, Pinheiro Marcado-RS, 1952

Seminário Santo Afonso, Aparecida - SP, 1956

1954

Profissão Religiosa, 1959

1964

1968

Bolo da Ordenação, 1964

Ordenação Sacerdotal, Passo Fundo, 1964

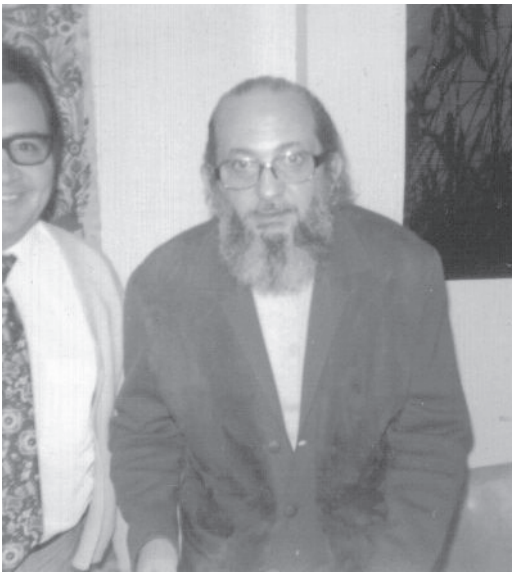
Primeira Missa, 1964

Colorado-RS, 1964

Com Cristiane Redin, 1984

Milwaukke-USA, 1973

1974



Com Paulo Freire, Genebra-Suíca, 1972

São Bernardo do Campo-SP, 1980

Accademia Alfonsiana - Roma

Ruínas de Óstia - Itália

Brasília, CNBB. Assessor Nacional para Área Social (1984-1987)

Pastoral da Juventude na Bolívia

Com Zilá Totta, Porto Alegre

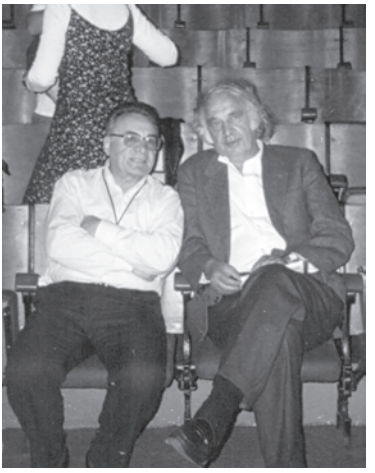
Wisconsin-USA, 1990, 1º Pós-Doutorado

University of Cambridge, 2002, 2º Pós-Doutorado

Com John B. Thompson - Cambridge

Instituto Alana

Com Martin W. Bauer, 2010



Com Serge Moscovici

Com Hélio Possamai, Evento Internacional sobre Representações Sociais, 2006

Adriane Roso, Marília Veronese, Denise Amon e Pedrinho Guareschi, membros do Grupo Encontros Dialógicos

Com Sandra Jovchelovitch

Grupo de Leitura

Missa Crioula na Capela Espírito Santo, 2005

2010

# Anexo II
# **Livros Publicados**[1]

[1] Lista incompleta.

1. GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia crítica:* alternativas de mudança. 62 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

2. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.); POSSAMAI, Hélio (Org.). *Territórios de exclusão:* investigações em representações sociais. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 2009.

3. GUARESCHI, Pedrinho A.; REIS DA SILVA, Michele; ARMANI, Amanda; DA ROSA, Clarissa T.; BOUCINHA, Daniela; AZEVEDO, Fernanda; BELLO, Joana; FEIJÓ, Luiza. *Bullying:* mais sério do que se imagina. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

4. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.); VERONESE, Marília. Veríssimo. (Org.). *Psicologia Social do cotidiano:* representações sociais em ação. Petrópolis: Vozes, 2007.

5. GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. *Mídia e democracia.* 5 ed. Porto Alegre: Evangraf, 2009.

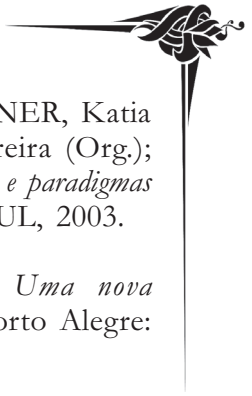
6. GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. *Mídia, educação e cidadania:* tudo o que você deve saber sobre mídia. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

7. GUARESCHI, Pedrinho A.; PAGGI, Karina Preisig. *O desafio dos limites:* um enfoque psicossocial na educação dos filhos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

8. GUARESCHI, Pedrinho A. *Psicologia Social crítica:* como prática de libertação. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

9. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.); PIZZINATO, Adolfo (Org.); KRÜGER, Liara Lopes (Org.); MACEDO, Mônica Medeiros Kother (Org.). *Psicologia em questão:* reflexões sobre a contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

10. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.); BIZ, Osvaldo (Org.). *Diário Gaúcho:* que discurso, que responsabilidade social?. 2 ed. Porto Alegre: Evangraf, 2003.



11. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.); PLONER, Katia Simone (Org.); MICHELS, Lisia Regina Ferreira (Org.); SCHLINDWEIN, Luciane Maria (Org.). *Ética e paradigmas na Psicologia Social*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 2003.

12. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.). *Uma nova comunicação é possível:* mídia, ética e política. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

13. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.); CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). *Paradigmas em Psicologia Social:* a perspectiva Latino-Americana. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

14. GUARESCHI, Pedrinho A. *Os construtores da informação:* meios de comunicação, ideologia e ética. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

15. GUARESCHI, Pedrinho A.; JAQUES, Maria da Graça Corrêa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Nara Maria Guazzelli; CARLOS, Sérgio A.; FONSECA, Tânia Maria G. *Psicologia Social contemporânea*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

16. GUARESCHI, Pedrinho A.; GRISCI, Carmem Ligia Iochins; RUDELL, Pedro. *Igreja questionada*. Petrópolis: Vozes, 1998.

17. GUARESCHI, Pedrinho A.; NUNES, M. L. T.; BERNARDES, N. *Relações sociais e ética*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1995.

18. GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

19. GUARESCHI, Pedrinho A. *Ensino social da Igreja e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1994.

20. GUARESCHI, Pedrinho A.; GRISCI, Carmem Lígia Iochins. *A fala do trabalhador*. Petrópolis: Vozes, 1993.

21. GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia da prática social:* classe, estado e ideologia em diálogo com Erik Wright. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

22. GUARESCHI, Pedrinho A. *Os aprendizes da sobrevivência*. Recife: Editora Universitária UFPE, 1992.

23. GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.). *Comunicação e controle social***.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

24. GUARESCHI, Pedrinho A.; SUSIN, Luiz Carlos. *Consciência moral emergente*. Aparecida: Editora Santuário, 1989.

25. GUARESCHI, Pedrinho A.; SUNG, J. M. *Comunicação e missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1989.

26. GUARESCHI, Pedrinho A.; RAMOS, Roberto. *A máquina capitalista*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

27. GUARESCHI, Pedrinho A. *A cruz e o poder: a irmandade da Santa Cruz no Alto Solimões*. Petrópolis: Vozes, 1985.

28. GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e poder:* A presença e o papel dos meios de comunicação de massa na América Latina. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

# Anexo III
# **Tradução de Livros**

1. MOSCOVICI, Serge. *Psicologia das minorias ativas*. Petrópolis: Vozes, 2010. [No prelo]. (Tradução: Grupo de Pesquisa "Ideologia, Comunicação e Representações Sociais", da UFRGS, coordenado pelo Prof. Pedrinho Guareschi. Tradução do espanhol por Aline Hernandez. Cotejamento com a edição francesa: Aline Accorssi. Cotejamento com a edição inglesa: Pedrinho Guareschi).

2. JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber:* representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008. (Tradução de Pedrinho Guareschi da edição em língua inglesa, título original: Knowledge in Context: Representations, Community and Culture).

3. MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais:* investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003. (Tradução de Pedrinho Guareschi da edição em língua inglesa, título original: Social Representations: Explorations in Social Psychology).

4. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:* um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. (Tradução de Pedrinho Guareschi da edição em língua inglesa, título original: Qualitative Researching With Text, Image and Sound: a Practical Handbook).

5. THOMPSON, John B. *O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2002. (Tradução de Pedrinho Guareschi da edição em língua inglesa, título original: Political scandal: Power and Visibility in the Media Age).

6. MONGES DA ABADIA DE SOLESMES (Orgs.). *Movimento escoteiro, desporto e natureza: de Pio XII a João Paulo II*. Bauru: EDUSC, 1999. (Tradução de Pedrinho Guareschi da edição em língua francesa, título original: Scoutisme, sport et nature).

7. FARR, Robert, M. *As raízes da Psicologia Social moderna.* Petrópolis: Vozes, 1998. (Tradução de Pedrinho Guareschi da edição em língua inglesa, título original: The Roots of Modern Social Psychology).

8. THOMPSON, John B., *Ideologia e cultura moderna:* teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995. (Tradução: Grupo de Pesquisa "Ideologia, Comunicação e Representações Sociais", da PUCRS, coordenado pelo Prof. Pedrinho Guareschi. Título original: Ideology and Modern Culture: Critical Social Theory in the era of mass comunication).

9. WRIGHT, Erik Olin; LEVINE, Andrew; SOBER, Elliott. *Reconstruindo o marxismo:* ensaios sobre a explicação e teoria da História. Petrópolis: Vozes, 1993. (Tradução de Pedrinho Guareschi da edição em língua inglesa, título original: Reconstructing Marxism: Essays on Explanation and the Theory of History).

PREFEITURA MUNICIPAL
DE GARIBALDI

“PEDRINHO GUARESCHI é um amigo de longa data, desde os tempos – lá pelos fins dos anos 1960 – em que me instalei no Rio Grande do Sul para fazer ‘contrabando de gente’, ou seja, dar fuga, via fronteiras com Uruguai e Argentina, aos perseguidos pela ditadura militar.

Pedrinho é um escritor talentoso, um professor amado por seus alunos e um analista pertinente. Suas obras trafegam pelas principais vertentes do humanismo: comunicação, psicologia, sociologia etc. Seus livros – Sociologia crítica, A máquina capitalista, Comunicação e poder, Os construtores da informação, Psicologia em questão etc. – são literariamente bem escritos, didaticamente palatáveis e eruditamente fundamentados. E neles ressoa, sempre, a voz dos que não têm voz, dos oprimidos, daqueles que fazem de Pedrinho Guareschi um militante intrépido da causa de Jesus que é a causa dos pobres.

Agradeço a Deus ter em Pedrinho Guareschi um irmão e um amigo. Deus o conserve entre nós nos próximos 70 anos.”

Frei Betto

EDITORA Evangraf LTDA.

ISBN 978-85-7727-241-9